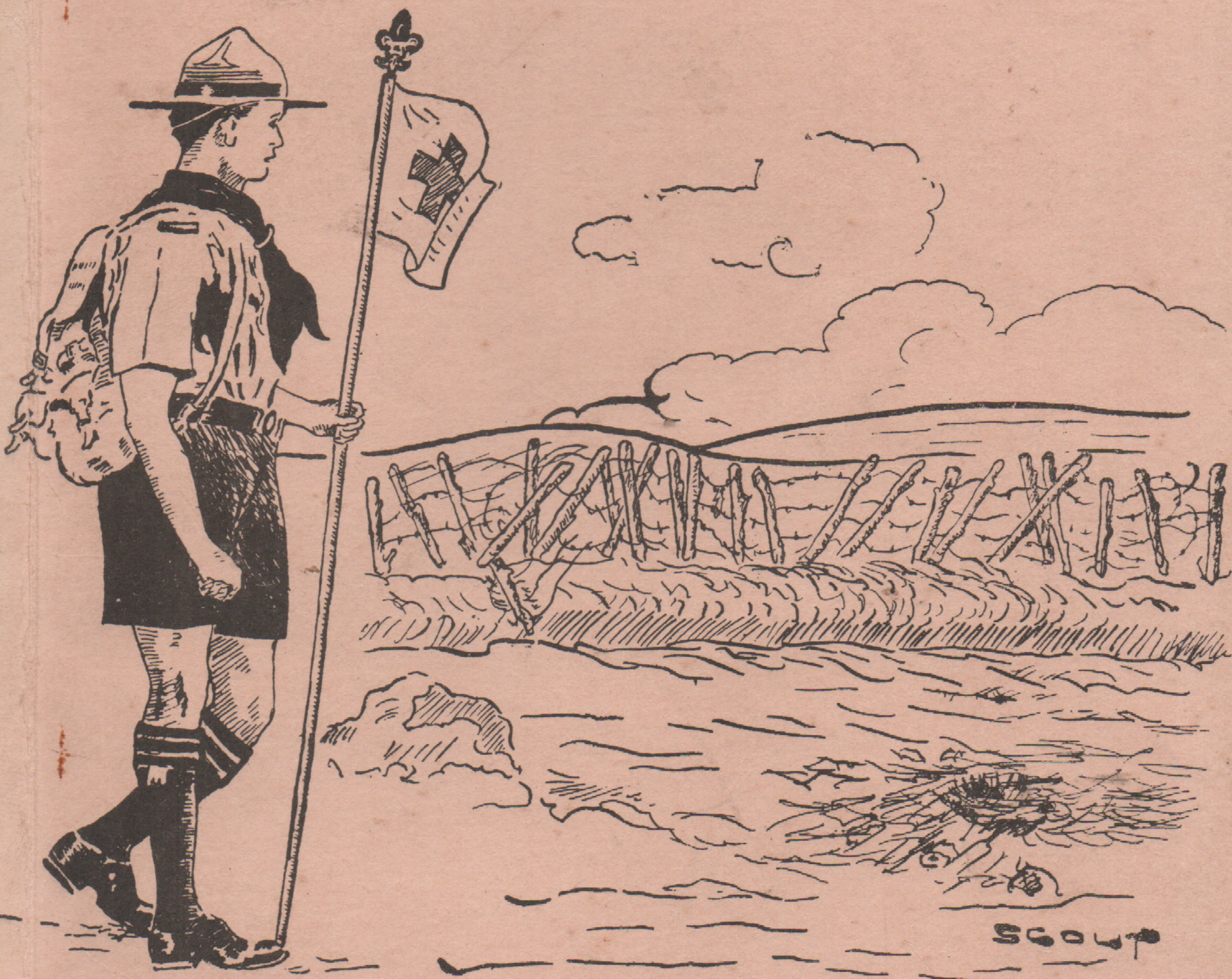


João Mós

"BOY SCOUTS PAULISTAS"



Na Revolução de São Paulo - Julho a Outubro de 1932

1933

CASA DUPRAT - EDITORA

S. PAULO

~~11/02/94~~  
~~Mark~~

Sempre

Alentejo

Unabridged

Dr. J. J. em quando vale a pena vir o que o sistema de J. J. for

Dr. J. J. Carr

JOÃO MÓS

---



"BOY SCOUTS PAULISTAS"

NA REVOLUÇÃO DE SÃO PAULO

JULHO A OUTUBRO DE 1932

---

EDIÇÃO COMEMORATIVA  
DO 10.º ANIVERSARIO

---

DIREITOS DE REPRODUÇÃO RESERVADOS DE ACORDO COM A LEI

---

1933

CASA DUPRAT - EDITORA  
S. PAULO

*Aos benemeritos Chefes :*

Lord Baden Powell of Gilwell  
e  
Benjamin Sodré-Velho Lobo.

*Aos dedicados Diretores :*

Armando Lorena  
e  
Rodolfo Malempré.

*Aos bemfeitores :*

Conde de Lara  
e  
A. Ribeiro Branco.

A' Diretoria da Cruz Vermelha Brasileira, de S. Paulo,

HOMENAGEM  
DOS "BOY SCOUTS PAULISTAS"

## A RAZÃO DA PRESENTE PUBLICAÇÃO

---

*Leitor amigo*

A idéa de fazer publicar este desprezencioso historico surgiu depois de cessada a luta armada de 1932, quando os chefes scouts de S. Paulo encontravam-se de novo entregues á atividade normal de suas tribus.

Reunidos esses chefes, animado pelas exortações que me dirigiram não só outros scouts como até pessoas estranhas ao nosso meio mas conhecedoras do trabalho nosso, expuz áqueles companheiros o proposito de fazer publicar um folheto contendo o resumo das atividades dos scouts durante a campanha constitucionalista e cujo produto reverteria em proveito da "Boy Scouts Paulistas".

Obtive unanime aprovação.

Dirigindo-me depois á illustre diretoria da "Boy Scouts Paulistas" tive a honra de me vêr franqueado o arquivo dessa sociedade, conforme o atencioso officio que adeante se lê.

Iniciando os trabalhos, encontrei, por toda parte, os mais francos aplausos e a mais decidida cooperação.

Eis a razão de ser da presente publicação.

Ela não encerra um programa a ser executado, mas relata uma serie de trabalhos realizados com devotamento e abnegação.

Suas paginas atestam, com eloquente simplicidade, as vantagens da pratica do Escotismo e dizem bem alto da exatidão com que a "Boy Scouts Paulistas" aplica, entre nós, o metodo educativo de Baden Powell.

Julho de 1933.

# "BOY SCOUTS PAULISTAS"

(Pessoa jurídica de Direito Privado, nos termos do artigo 16 da Parte Geral do Código Civil Brasileiro, pelo Registro feito sob n.º 490, em 1932)  
Iniciada em 1923

Rua S. Bento, 14 - 1.º andar, sala 15

N.º 20 (vinte)

S. Paulo, 4 de Julho de 1933.

Chefe Scout João Mós (Águia Lusa)  
Rua Bororós, 19

*Capital*

Alerta!

Atendendo, com imenso praser, á sua solicitação, a "Boy Scouts Paulistas" não sómente autorisa a publicação do historico dos otimos serviços prestados pelos chefes scouts durante a revolução de '1932, como louva a sua feliz iniciativa e põe ao seu inteiro dispôr o arquivo desta sociedade, para colher o material de que acaso venha a necessitar para illustração do folheto que pretende publicar.

Sempre Alerta!

Boy Scouts Paulistas  
(Sociedade Civil)

(a) *Armando Lorena*  
Presidente

## APRESENTAÇÃO

*Hoje o Primeiro Grupo Escoteiro "São Paulo" sucessor direto da Boy Scouts Paulistas Fundado em 23 de Setembro de 1923, por Rodolfo Malempré é um marco único de tradição, prestando serviços ininterruptos à Comunidade há 60 anos. Muitos momentos poderiam ser destacados nesta longa caminhada, mas sem sombra de dúvida, o de importância incontestável, foi a participação dos jovens escoteiros na Revolução Constitucionalista de 1932.*

*Nesta época, prevendo a importância desta atuação, como exemplo para as gerações escoteiras que se sucederam, o Chefe JOÃO MÓS (Águia LUSA) reuniu em um pequeno livro, todos os momentos vividos pela Boy Scouts Paulistas, onde em cada página individualizou acontecimentos risonhos, tristes e dramáticos. É com grande satisfação que como Chefe do Grupo apresento a reedição desta publicação histórica que servirá de exemplo para as próximas gerações, fazendo com que não esmoreçam e continuem a ser guiados pelo espírito de Baden Powell.*

*São Paulo, 23 de Setembro de 1983*

*Manuel Fernando Queiroz dos Santos*

## PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

*Às novas gerações escoteiras torna-se necessária uma apresentação do Autor, João Mós.*

*Durante o longo período que permaneceu em São Paulo, foi um dos grandes esteios da "Boy Scouts Paulistas". Sua dedicação e idealismo, aliados a uma grande capacidade de trabalho, deixaram marcas indeléveis. Mudando para o Rio continuou sua contribuição junto aos Escoteiros do Mar, onde conquistou a amizade e admiração geral.*

*Quando em 1954 foi planejado o Acampamento Internacional de Patrulhas, uma das atividades do IV Centenário da Fundação de São Paulo, Mós foi convidado para Chefe Executivo do acontecimento. Desnecessário é dizer que participou do grande sucesso, junto às demais chefias.*

*Ao seu espírito de organização e previsão devemos o relato histórico da participação da "Boy Scouts Paulistas" nos trabalhos da Cruz Vermelha junto às Forças Constitucionalistas em 1932. Enquanto em São Paulo Rodolpho L. Malempré (Fundador) e Armando Lorena (Presidente) trabalharam habilmente na logística que amparava os escoteiros da frente.*

*Escoado mais de meio século, quando uma parte dos jovens escoteiros de então já foram chamados para o último Acampamento, podemos encarar aquela epopeia vista de um ângulo despido das paixões do momento. Para os escoteiros participantes, nem tudo foi fácil a princípio. As equipes da Cruz Vermelha, com suas divisões de especialistas em transportes, abastecimento, farmácia, medicina de campanha, etc., gente de escol e altamente qualificadas como provaram do começo ao fim, julgaram aqueles meninos de calções curtos um estorvo. Todos pensaram assim. Alguns mais francos, disseram.*



*Esta situação durou uma semana. Mais uma semana e passamos a ser tolerados para em seguida sermos considerados indispensáveis. Prova-o a ordem emanada da chefia da Cruz Vermelha em Campanha, de que todos os núcleos a serem implantados deveriam incluir escoteiros. O trabalho notável da Cruz Vermelha se caracterizaria dali por diante, em todos os setores, pela participação escoteira.*

*Nos hospitais de base eles preenchiem todos os claros, guiando as Ambulâncias, providenciando abastecimento, trabalhando no preparo de medicamentos, assistindo aos feridos. Cada posto avançado da Cruz Vermelha compreendia, tipicamente, um médico, um enfermeiro e um escoteiro.*

*Esses pequenos núcleos deviam atingir os pontos determinados por qualquer meio: de caminhão, a cavalo ou a pé. Cavar seus próprios abrigos, providenciar subsistência com produtos da terra, bebendo do correjo mais próximo a água que coavam e ferviam.*

*Centenas de exemplos edificantes poderiam ser relatados. Por questão de espaço vamos citar apenas um:*

*Som surdo do troar dos canhões e das granadas que passam sibilando. Ambulâncias gemem nos freios diante do Hospital de Campanha, trazendo mais feridos. Na sala de operações a ansiedade é geral e os olhos dos presentes vão do ferido que está sendo atendido com parada cardíaca ao teto, pois todos temem que "a próxima pode cair aqui" . . . O cheiro do cloroformio entorpece: As mãos tremem e, como consequência, algumas coisas não são mais feitas da maneira ortodoxa. Quando o nervosismo parecia atingir a todos, o cirurgião baixou a máscara que tinha sobre a boca e com voz pausada e firme disse: "Senhores, parece que o único que tem calma aqui é o escoteiro!"*

*J. Spina*

### **Compromisso Scout**

Prometo pela minha honra:  
Cumprir meu dever para com Deus e minha Patria.  
Ajudar o proximo em toda e qualquer ocasião.  
Obedecer á Lei do Scout.

E' nos momentos de adversidade que se dão a conhecer os verdadeiros amigos.

A hora era de sofrimentos para todos os que aqui se encontravam.

As armas de guerra ceifavam, impiedosamente, na sua faina destruidora.

Os scouts não faltariam ao seu compromisso de honra.

E eles deixaram o conforto dos seus lares, o carinho de suas familias, seus afazeres profissionaes, seus estudos, partindo para "ajudar o proximo", socorrendo, indistintamente, a todos quantos necessitavam de auxilio: os que sofriam as dores fisicas dos ferimentos e aqueles que curtiavam os padecimentos moraes do\*exodo e das necessidades...

Em favor de todos, uma boa acção em cada dia.

Assim procedem os scouts "em toda e qualquer ocasião".



Scouts que serviram á Cruz Vermelha junto ás linhas de combate.



**"BOY SCOUTS PAULISTAS"**

(Turma dos seus scouts e diretores em serviço durante a revolução).

BOY  
SÃO PAULO

SCOUTS  
BRASIL

### Diploma

de

### Serviços de Guerra

Considerando os serviços prestados durante a campanha contra a anarquista junto aos postos da Cruz Vermelha Brasileira, pelo "scoutmaster" *José Espina* no "canton" *Monte* o "BOY SCOUTS PAULISTAS" lhe confere o presente diploma, para os devidos efeitos, inclusive o de autorizar o uso de correspondência diplomática n. 2.

S. Paulo, outubro de 1912

*R. Forner*  
Presidente

*Alvaro de Albuquerque*  
Diretor Técnico  
*Velho Lobo*



Os desenhos acima reproduzem os distintivos conferidos pela "Boy Scouts Paulistas" a todos os scouts que serviram durante a revolução.

São em dois modelos: o primeiro, com a Cruz Vermelha sobre a flôr de liz, cujo uso somente é permitido aos scouts que serviram fóra da capital, junto ás linhas de combate; o segundo é usado pelos demais scouts que participaram dos trabalhos. Todos eles são confeccionados em metal esmaltado, fundo amarelo, flôr de liz verde, letras côr de ouro. Sendo distintivos especiais, foram feitos e distribuidos somente os extritamente necessarios para os scouts que os mereceram, estando cada distintivo numerado no verso e devidamente registrado na secretaria da "Boy Scouts Paulistas", em nome do respectivo titular. O uso desse emblema é facultativo para os scouts quando em seus trages comuns, porem obrigatorio na blusa do uniforme e é autorizado pelo diploma correspondente, cujo modelo está estampado no presente trabalho. Tambem as tribus, coletivamente, receberam tais diplomas e distintivos, sendo estes para uso obrigatorio nas respectivas bandeiras, por ocasião de desfiles.

A "Boy Scouts Paulistas" conferiu esses titulos em solenidade que se efetuou a 15 de Novembro de 1932, no salão nobre do Conservatório Dramatico e Musical de S. Paulo, perante autoridades, familias e demais pessoas de elevada representação na sociedade paulistana.

## *Aos medicos, enfermeiras e demais auxiliares da Cruz Vermelha durante a revolução*

Porque?...

Porque, naqueles dias sombrios de luta, os scouts, na convivencia com todos vós, esqueceram-se de que eram academicos, ginasianos, empregados do comercio...

Cumprindo o art. 7.º de sua Lei, foram todos "obedientes e disciplinados" e realizaram, com admiração vossa, serviços de cosinheiros, chauffeurs, ciclistas, padioleiros, ajudantes enfermeiros, vigias noturnos, coveiros, eletrecistas, datilografos e tantos outros.

E porque o fizeram com a submissão que vos surpreendeu?

Porque na pratica adquirida nos seus acampamentos, nas suas excursões, na observancia fiel dos seus preceitos em "auxiliar o proximo", aprenderam, não obstante a esfera social em que vivem, a realizar todos esses serviços com dedicação e sem contrariedade.

A vós dedicam esta pagina porque, procedendo daquela fórmula, tornaram-se vossos amigos e hoje podem fruir a vossa simpatia, tantas vezes testemunhada.

Si alguma saudade lhes ficou daqueles dias de incertesa, foi a de servir convosco, em afazeres rudes, em pròl do seu ideal...

## TOPICOS DOS JORNAIS

"A GAZETA" 15/7/932

### *A cooperação dos nossos "Boy Scouts"*

Das mais eficientes a colaboração que prestarão os Boy Scouts Paulistas nos serviços da Cruz Vermelha.

Conforme nos declarou o sr. Roberto Pompilio, chefe da seção de transportes do 1.º comboio que rumou hoje para a frente, o grupo de "boy scouts" que se encontra às ordens da benemerita instituição, será utilizado no serviço de ligação entre a Cruz Vermelha em operações e a sua sede em S. Paulo.

E esse serviço, da maneira como foi organizado, será por certo, efficientissimo.

Os nossos bravos boy scouts, que tantos serviços já prestaram á nossa cidade, desenvolverão, na tarefa que lhe incumbe, atualmente, uma perfeita rede de comunicações, utilizando para isso automoveis, e na falta ocasional destes, bicicletas.

Em cada cidade do trajeto, permanecerão dois jovens, assim como nas diversas bases estabelecidas.

A primeira base é Pindamonhangaba.

Ha ordem, para estender o serviço até Lorena.

"O ESTADO DE S. PAULO"

16/7/932

### *A nobre contribuição dos "Boy Scouts Paulistas"*

Recebemos uma calorosa mensagem dos boy scouts que partem para o norte do Estado, a serviço da Cruz Vermelha. Esses jovens dão um belo exemplo prestando a sua generosa contribuição na

campanha constitucional do Brasil. No entanto para melhor cumprimento desse dever que se impuzeram, eles não estão de todo aparelhados, pois entre as noticias que abaixo publicamos, eles salientam a falta de bicicletas e pedem ao publico alguns desses veiculos, para melhor fazerem as ligações. Não faltarão pessoas capazes de atender a esse pedido. A mensagem a que no começo desta noticia nos referimos é a seguinte:

"Ao partirmos para o Norte do Estado, auxiliando a Cruz Vermelha em seus postos de saúde, nós chefes scouts da federação "Boy Scouts Paulistas", da 1.ª tropa de scouts ingleses, japonezes e letonianos, sob a direção da referida federação, que dirige a organização desses serviços, temos a satisfação de apresentar á ilustre redação do grande orgam "O Estado de S. Paulo", as nossas saudações. Sendo a primeira vez no Brasil, que scouts trabalham em Hospitais de Sangue, esperamos iniciar essa nobre tarefa e cumpril-a á altura de nossa missão". J. C. Macintyre, chefe; João Mós, José Spina Neto, Léo R. Moraes; P. P. Nixon; Tomoo Ikeda; José Gaioto, A. Kennerly, F. Delany, José Spina, Crescencio Spina, J. Pina Figueiredo, Valdomiro Handerson, E. Olsen.

"DIARIO DE S. PAULO" 21-7-932

### *Aos Scouts que partem com a "Cruz Vermelha"*

Scouts da minha Terra!

Pequeninos sois, nms sereis grandes, sereis gigantes pelo vosso esforço, pela vossa coragem, pelo vosso trabalho, pelo vosso patriotismo.



Abelhas de ouro a esvoaçar pelas multidões das cidades, pelos verdores das nossas campinas, no vosso sagrado mistério. Sois a nossa esperança, porque sereis o soldado de amanhã.

Coragem é o vosso lema; não esmoreçais porque o Brasil tudo espera de vós.

Amae vossa Patria como a vossa propria mãe e ela sorrirá feliz ao contemplar-vos na grandesa do vosso entusiasmo, compartilhando na brilhante arrancada que reconduzirá o Brasil ao seio das Nações cultas, civilizadas. Parti, entusiastas, orgulhosos, levando as bençãos de vossos paes, bençãos da nossa Patria, bençãos de Deus sobre vossas cabeças.

São Paulo aqui fica á espera do momento da vitoria que vos reconduzirá sorrindo aos vossos lares e vossos paes, venturosos, entoarão preces divinas, de gloria e, entre beijos e flores, abençoarão os pequeninos herois da Patria e da Familia.

Eia, pois, avante, scouts!

Tudo pelo Brasil e por São Paulo.

(a) — Silóca Sampaio Pinto — Educadora Sanitaria.

#### "A PLATEA" 31-7-932

##### *Scouts em Campanha*

Localização das turmas na zona Norte, de acordo com a Cruz Vermelha.

##### Serviços na "Front" —

Desde que partiram desta capital as turmas dos chefes scouts que foram auxiliar as operações militares na zona Norte, a direção dos serviços de "scouts em campanha" vem procurando, de acordo com a Cruz Vermelha, localizar essas turmas de maneira a se tornar o mais produtivo possível o trabalho confiado a esses bravos rapazes.

Sendo esta a primeira vez, no Brasil, em que se põe em pratica a organização de "boy scouts" em serviços de guerra, a federação "Boy Scouts Paulistas", que se propoz executal-os, empregou todos os esforços para tornal-os eficientes.

Assim, aquelas turmas foram distribuidas, conforme as exigencias do momento, encontrando-se em Guaratinguetá

os scouts que são dirigidos pelo chefe Léo Moraes; em Areias, a turma do chefe Spina; em Lorena, o grupo dirigido pelo chefe Macintyre, que é o mais numeroso, delle fazendo parte todos os demais chefes; e em S. José do Barreiro, a turma especializada do chefe João Mós, nas linhas de frente. Este chefe comunicou ontem aos diretores do serviço que o animo dos que combatem pela Constituição é admiravel e que o trabalho dos scouts está sendo feito com rigorosa observancia das regras internacionais, despertando elogios dos comandantes dos corpos em operações.

#### "O ESTADO DE S. PAULO"

1-8-932

Chegou do "front" o chefe scout João Mós — Afim de conduzir novas turmas de scouts especializados em serviços de campanha, veio a esta capital o chefe João Mós, que dirige esse serviço nos setores do Norte. O regresso desse chefe, acompanhado de mais scouts, dar-se-á hoje.

#### "A PLATE'A" 2-8-932

João Mós, chefe scout em serviço no setor do Norte, de passagem por esta capital, dá-nos as suas impressões sobre as linhas de frente paulista.

Tivemos ontem a visita amavel de João Mós, chefe scout da turma que trabalha no setor Norte, junto á Cruz Vermelha.

O forte e entusiasta moço, que hoje regressa para as linhas de frente, aqui nos deixou a sua impressão sobre a vanguarda paulista, assim redigida:

Aos meus companheiros por intermedio da "Platêa".

"De passagem por esta capital, vindo das linhas de combate, no Vale do Paraíba, sou portador das mais lisongeiros noticias da nossa gente. Os chefes scouts que ali se encontram incumbiram-me de comunicar ás suas familias que todos eles estão de perfeita saude e trabalhando com muito entusiasmo.

E' deveras surpreendente o animo dos bravos rapazes.

A proposito dos trabalhos que os scouts estão desenvolvendo, trabalhos até hoje desconhecidos no Brasil, os medicos da Cruz Vermelha os qualificam de re-levantissimos.

Modelarmente organizados por essa esplendida instituição que é a "Boy Scouts Paulistas", este serviço é mais um atestado eloquente da admiravel mobilisação de que justamente se orgulha a terra bandeirante.

Aos camaradas que, ainda aqui, an-cciam pelo momento de se incorporarem ás nossas turmas especializadas em serviços de campanha, eu trago o nosso apelo para que não esmoreçam no afan de garantir o elevado conceito que conquistámos para a grande escola de Baden Powell, que sómente agora encontrou, no paiz, a oportunidade sempre sonhada pelos scouts de S. Paulo, de poderem estes demonstrar praticamente a sua dedicação á Patria estremecida e aos seus nobres ideais. Dos illustres medicos que servem nos Hospitais de Sangue, temos recebido as mais elogiosas referencias, sendo elles e os comandantes de tropas unanimes em reconhecer os scouts como auxiliares da Cruz Vermelha.

Amanhã voltarei para as linhas do "front", onde terei sempre em mente os ensinamentos de Baden Powell e a imagem da Patria unida e forte, dentro da Lei, alicerçada na Justiça. —

"O ESTADO DE S. PAULO"

11-8-932

*Scouts elogiados em ordem do dia*

De Aréas, recebeu a federação "Boy Scouts Paulistas" a seguinte comunicação:

"Cruz Vermelha Brasileira, Hospital de Sangue em Aréas.

Elogio: — São elogiados em ordem de serviço, pela calma e coragem que demonstraram em seus serviços, na data de hontem: (seguem-se os nomes dos scouts, cuja citação reservamos), que serviram em Sant'Ana dos Tócos e S. José do Barreiro.

Visto. Aréas, 30 de Julho de 1932.

(a) Luiz C. de Carvalho S. A. T. A.

"O ESTADO DE S. PAULO"

17-8-932

*Os Scouts no setor do coronel Andrade*

Recebemos ontem este comunicado da federação "Boy Scouts Paulistas":

"A diretoria desta federação recebeu hontem o relatório referente aos trabalhos dos scouts no setor do coronel Andrade, durante o primeiro mez de atividade. Trata-se de um documento inedito no Brasil, digno de registro.

O trabalho dos scouts, que compõem as turmas enviadas, sob a direção desta federação, têm-se desenvolvido de inteiro acordo com as normas do "Bureau Internacional" de Londres, adotadas por ocasião da guerra européa.

Entre os serviços, prestados por esses rapazes destacam-se os de instalação do hospital de Silveiras, ligações electricas de aparelhos de alta cirurgia em varios hospitais, intendencia de serviços de saúde, organizações de transportes, comunicações e auxilios diversos á Cruz Vermelha.

Como acontece com esta instituição, o Escotismo é um só em todo o mundo e, em ocasiões de guerra, compete á Cruz Vermelha orientar e distribuir a sua cooperação. Assim tem acontecido agora no Estado de S. Paulo, e é o proprio cirurgião-chefe da Cruz Vermelha, dr. Arnaldo Pedroso quem, em officio dirigido a esta diretoria, exalta o trabalho dos scouts, que qualifica de inestimavel".

"O ESTADO DE S. PAULO"

19-8-932

*"Boy Scouts Paulistas"*

Corpo de ciclistas — Para o ponto de concentração das tropas constitucio-nalistas na zona norte do Estado, segue hoje o corpo de ciclistas da federação "Boy Scouts Paulistas", o qual vae reforçar o serviço de ligações entre os postos de saúde da Cruz Vermelha.

"A PLATE'A" 21-8-932

*O que é o Escotismo*

*Serviços dos scouts no "front"*

A campanha constitucionalista veio, em boa hora, colocar o escotismo em assinalado destaque.

Raríssimas eram, até então, entre nós, as pessoas que conheciam o programa dessa escola ativa.

Hoje, com a demonstração que os bravos scouts vem dando, dia a dia, da utilidade dos seus serviços, já ninguém ignora as vantagens da pratica do escotismo.

Depois de longos anos de trabalho, vê, agora, esta federação, que não foram baldados os esforços dos seus chefes em prol da escola de Baden Powell, no Brasil.

Todavia um reparo ainda se faz preciso: ao contrario do que geralmente se supõe, o Escotismo não é uma organização para "meninos" e sim uma instituição universal, com sede em Londres e que, em ocasiões de guerra, presta sua cooperação exercendo diversas atividades, entre as quaes se destacam os serviços auxiliares aos corpos de saúde.

Afeitos á vida rude dos campos, realizando marchas e permanecendo varias semanas, durante o ano letivo, em acampamentos próprios, os scouts se habituam a resistir melhor aos trabalhos na guerra e a auxiliar no "front", as forças em operações.

E' bem de ver que este trabalho só

pode ser prestado por scouts maiores de 16 anos e assim está acontecendo agora.

E' especialmente junto as linhas de combate que os "Boy Scouts Paulistas" estão servindo á Patria.

"O ESTADO DE S. PAULO"

26-8-932

Entre os auxiliares da Cruz Vermelha Brasileira, nos serviços que aquela instituição está prestando no setor Norte, é justo destacar os "Boy Scouts Paulistas".

Os rapazes desta federação têm sido incansaveis e merecedores, por isso mesmo, dos agradecimentos que os directores dos hospitais de sangue e, principalmente, o cirurgião chefe da Cruz Vermelha, lhes endereçaram.

São os seguintes os hospitais onde se encontram os scouts: Hospital de Silveiras - "front". Hospital de Cachoeira. Hospital de Guaratinguetá, junto ao qual ha um corpo de ciclistas.

Da "ORDEM DE SERVIÇO"

em 28-8-932

"Pcr ordem do dr. Arnaldo Pedroso, Superintendente dos Serviços da Cruz Vermelha no "front", os scouts: (seguem-se os nomes dos scouts, cuja citação reservamos), em vista dos serviços prestados, são declarados indispensaveis no Posto de Sangue de Silveiras".  
Pelo Chefe da S. T. A. S.

(a) Dr. C. Ponchon

Guaratinguetá, 10 de Agosto de 1932

Ilm. Snr. Presidente

Em resposta a vosso officio de 4 do corrente, só lhe posso dizer que a atuação desse pugilo de rapazes — os boy scouts —, na luta em que São Paulo heroicamente se empenha, é um belo atestado do quanto póde o Escotistro, fazendo desabrochar na alma desses adolescentes a flor do patriotismo e do valor.

Muito justo é, pois, que, enaltecendo a obra geral desses devotados patriotas, eu exalte, particularmente, os serviços que vêm prestando com abnegação no setor do sr. Cel. Andrade — serviços em que se mostram incansáveis, de alta valia, que me apraz registrar.

Sintetizando meus agradecimentos a esses bravos, na pessoa de V. S., ainda uma vez louvo a excelente organização do Escotismo Paulista, que hoje põe á prova a grande fonte de civismo que é.

Atenciosas saudações,  
(a) *Dr. Arnaldo Pedroso*  
Cirurgião Chefe da Cruz Vermelha

(Do arquivo)

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

+  
ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo, 12 de Outubro de 1932

Ilmo. Sr.

*Armando Lorena*

D. D. Presidente dos "Boy Scouts Paulistas".

Dando por terminados os seus trabalhos de Guerra, provocados pelo movimento Constitucionalista, a Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo, vem agradecer a essa associação o precioso concurso que lhe prestou e que consistiu nos trabalhos dos numerosos scouts destacados para nossos hospitais de sangue e também para nossa séde.

Conforme já lhe fez saber o nosso Cirurgião Chefe na zona Norte, de grande valia foi a ajuda que seus scouts prestaram naquele setor, auxiliando nossos serviços em todas as emergencias, com a maior dedicação, disciplina e eficiencia.

Os que estiveram na séde foram sempre muito obedientes e atentos aos trabalhos que lhes competiam.

Por todos esses motivos, pois, é meu dever pedir-lhe que transmita a cada um deles o agradecimento que ora dirigimos a essa associação.

Atenciosas saudações

Presidente

(a) *Antonia F. de Souza Queirós*

(Do arquivo)

# BOY SCOUTS INTERNATIONAL BUREAU.

CHAIRMAN: THE RT. HON. LORD BADEL-POWELL, G.C.M.G., G.C.V.O., K.C.S., CHIEF SCOUT.

TELEGRAMS: INTERNATIONAL BUREAU  
SCOUTCRAFT, LONDON

TELEPHONES: VICTORIA 8834 AND 8835

DIRECTOR:  
HUBERT S. MARTIN, ESQ., C.B.E.

SECRETARY:  
R. T. LIND

## INTERNATIONAL COMMITTEE

MAJOR W. DE BONSSTETTEN,  
LORD HAMPTON, B.S.O.,  
MR. WALTER W. HEAD,  
COUNT Y. HUTARA,  
MAJOR ERSE LISSEBATH,  
COUNT H. NARTY,  
SIR ALFRED D. PICKFORD,  
MR. A. S. SVOJSIK,  
COUNT PAUL TELEKI.

25, BUCKINGHAM PALACE ROAD,

LONDON, S.W.1

March 15th, 1933.

Dear MacIntyre

I have today received your most interesting letter and report of January 17th, in which you inform us of the admirable services performed by the Rover Scouts and Scouts during the recent revolution. I have read these with the deepest interest and I hasten to assure you how greatly we esteem the humanitarian work done by Rover Scouts and Scouts in connection with the Red Cross. Will you please convey to all concerned our hearty congratulations. We appreciate to the full the ready willingness with which they all volunteered to give their aid to the wounded and refugees and the fact that these services were performed in circumstances of danger to their own lives. We are proud of them.

The Chief Scout is abroad at present but on his return I shall show him your report and I am sure he will wish to write to you himself.

With the best of good wishes to you all,

Yours sincerely,

*Hubert Martin*

(Boy Scouts International Bureau)

(Tradução)

Londres, 15/3/933

Caro Macintyre,

Recebi hoje sua interessantíssima carta e relatório datados de 7 Janeiro pp., nos quais nos descreve os admiráveis serviços prestados pelos rovers e scouts, cooperando com a Cruz Vermelha.

Li o relatório com o mais profundo interesse e apresso-me a assegurar-lhe que nós apreciamos extraordinariamente o trabalho humanitário realizado pelos rovers e scouts, cooperando com a Cruz Vermelha.

Queira apresentar a todos as nossas mais sinceras congratulações.

Tivemos grande satisfação em constatar a presteza com que todos elles se ofereceram para trabalhar no auxilio aos feridos e refugiados, e apreciamos devidamente o fato que esses serviços foram prestados em condições de perigo para as suas próprias vidas.

Nós nos orgulhamos deles!

O Chefe está atualmente no estrangeiro, porém, na sua volta, eu lhe mostrarei o relatório e estou certo de que ele fará questão de escrever-lhe também.

Com os nossos melhores votos a todos, sou

sinceramente seu,

(a) *Huberto S. Martin*  
Diretor do B. I. B.

(Boy Scouts International Bureau)

(Tradução)

Londres, 15/3/933

Caro Macintyre,

Recebi hoje sua interessantíssima carta e relatório datados de 7 Janeiro pp., nos quais nos descreve os admiráveis serviços prestados pelos rovers e scouts, cooperando com a Cruz Vermelha.

Li o relatório com o mais profundo interesse e apresso-me a assegurar-lhe que nós apreciamos extraordinariamente o trabalho humanitário realizado pelos rovers e scouts, cooperando com a Cruz Vermelha.

Queira apresentar a todos as nossas mais sinceras congratulações.

Tivemos grande satisfação em constatar a presteza com que todos elles se ofereceram para trabalhar no auxílio aos feridos e refugiados, e apreciamos devidamente o fato que esses serviços foram prestados em condições de perigo para as suas próprias vidas.

Nós nos orgulhamos deles!

O Chefe está atualmente no estrangeiro, porém, na sua volta, eu lhe mostrarei o relatório e estou certo de que ele fará questão de escrever-lhe também.

Com os nossos melhores votos a todos, sou

sinceramente seu,

(a) *Huberto S. Martin*  
Diretor do B. I. B.



## The Boy Scouts Association

(Tradução)

Londres, 7 Abril, 1933

Caro Macintyre,

Li com o maior interesse o seu relatório sobre os serviços prestados pelos "Boy Scouts Paulistas" durante a recente guerra civil e congratulo-me com grande prazer com todos vós, pelo magnífico trabalho realizado no serviço da Cruz Vermelha, atendendo aos doentes e feridos, assim como, em alguns casos, aos habitantes necessitados.

Os scouts demonstraram, pelo dever do próprio sacrifício a bem do próximo, dever esse mantido debaixo de duríssimas condições e perigo pessoal, que eles possuem o verdadeiro espírito do Escotismo.

O "record" do seu magnífico trabalho será avidamente lido pelos seus irmãos scouts de outros países e o seu exemplo será uma inspiração para outros estarem "Sempre Alerta", a fim de procederem como eles, caso ocasião semelhante se apresente.

Eu cordialmente desejo-lhe, assim como a todos os chefes e scouts, o maior sucesso para um mais amplo desenvolvimento do escotismo no Brasil, para a sua própria felicidade e para o bem desse belo país.

No entretanto, eu orgulho-me deles pelo que fizeram, mantendo alto o bom nome do Escotismo.

Seu sinceramente,  
(a) *Baden Powell*

Os "Boy Scouts Paulistas", incontestavelmente os que, no momento, têm melhor orientação scout no grande Estado Bandeirante, prestaram, durante a revolução de S. Paulo, assinalados serviços junto á Cruz Vermelha Brasileira.

A síntese dessas atividades são expostas neste relatório. E' com um sentimento de orgulho que se o lê.

Sem idéa partidaria, os "Boy Scouts Paulista" incorporaram-se aos soldados da caridade e os serviços que prestaram valeu não só como uma grande "bôa ação" mas sobretudo como magnífica demonstração do idealismo e da capacidade de trabalho que o Escotismo é capaz de dar.

Trabalhos nos hospitais de sangue e de evacuação, transporte de feridos nas linhas da frente, construção de abrigos para os postos de emergencia, adaptação, asseio e instalação nos diferentes serviços hospitalares da Cruz Vermelha, ligação entre os postos de socorro, tais foram, dentre os mais importantes, os auxílios prestados por tão heroicos rapazes, aos quais se agregaram scouts de outras nacionalidades. Nesses arduos e multiplos misteres de socorrer os feridos foram incançaveis, merecendo os justos louvores de quantos os assistiram.

O seu heroismo e a sua dedicação encheram de orgulho a alma de todos os Escoteiros do Brasil que sentiam serem os nossos lemas, " Sempre Alerta!" e "Servir!", bem cumpridos por uma parte da grande familia, num momento tão augustoso da vida nacional.

(a) *Benjamin Sodré*  
Velho Lobo

Rio, 1932

# RELATORIO

enviado á

## "UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL"

São Paulo, 5 de Outubro de 1932.

### I

Praticamente, esta entidade começou a existir aos 23 de Setembro de 1932, quando em plena atividade a luta constitucionalista. Iniciado, na noite de 9 para 10 de Julho de 1932, o movimento armado que os Estados de São Paulo e Mato Grosso dirigiram pela imediata constitucionalização do Brasil, como a luta se pronunciasse cruenta, o sr. João Mós, chefe geral da "Boy Scouts Paulistas", então entidade de fato "Escoteiros de São Paulo", e J. C. Macintyre, chefe da 1.ª tropa inglesa, entenderam-se, na manhã do dia 11, com a diretoria da Cruz Vermelha Brasileira, oferecendo os serviços dos seus scouts, nos Hospitais de Sangue a serem instalados por essa instituição internacional nos setores de combate. Para esse trabalho, ofereceram seus auxílios as duas tropas de "boy scouts" ingleses, desta Capital, bem como alguns outros elementos estrangeiros atualmente em São Paulo. A princípio não entendidos pela diretoria da Cruz Vermelha, que mais tarde compreendeu e aceitou a boa vontade dos "Boy Scouts Paulistas", no dia 17 seguiram para o setor norte as primeiras turmas.

A dedicação, o verdadeiro espirito de abnegação desses moços, como os cirurgiões da Cruz Vermelha foram unânimes em reconhecer na correspondencia arquivada, levaram essa instituição a solicitar novas turmas, a fim dos serviços locais, que estavam, desde logo, sendo prestados pelos scouts menores e "lobinhos".

A princípio, por deferencia especial aos boy scouts estrangeiros, confiou-se a direção desses trabalhos ao scout-master J. C. Macintyre,

que se manteve com brilhantismo nesse posto, até que, por necessidade do serviço, foram alguns rover scouts transferidos para o setor leste, permanecendo os demais ao Norte, sob a direção do "rover" José Spina, o qual, igualmente, se conduziu dignamente, como, aliás, todos os outros.

Merece registo especial a ocorrência havida com o chefe João Mós, o qual, enfermando em consequência dos trabalhos, foi operado em Guaratinguetá, sendo a seguir licenciado por tempo indeterminado, retirando-se para Campos do Jordão, por atenção especial da Cruz Vermelha.

Descrever a dedicação, os sacrifícios verdadeiramente heroicos desses bravos rapazes, se torna desnecessário, eis que está na consciência de todos aqueles que se encontravam no Estado de São Paulo durante a luta, apreciar devidamente a maneira pela qual esses jovens cumpriram o seu dever.

## II

Ao mesmo tempo em que, junto ás linhas de combate, se desenvolvia, com inexcedível dedicação, o trabalho dos scouts, também em São Paulo se desdobrava, crescia e se impunha á admiração de todos a atividade dos scouts menores e "lobinhos". A comissão Executiva do Ouro, a Comissão da Escola Politecnica, a Cirurgia Odontologica de Campanha, a Sexta Divisão Policial, o Departamento de Assistencia aos Retirantes e todos os postos que a Cruz Vermelha instalou, foram servidos por esses abnegados rapazes, incansaveis na sua tarefa de socorrer aos que necessitavam de amparo, ao mesmo tempo em que distribuiam cartas, transportavam medicamentos, se faziam portadores de comunicações diversas, enfim, cumpriam também galhardamente a sua elevada missão.

Entrementes, eles não se descuidavam do seu preparo tecnico, já agora afeto diretamente á reconhecida competencia do senhor Rodolpho Malempré. A 27 de agosto, desfilaram pelas ruas da cidade, sob aplausos da população. Essas atividades não poderiam, por certo, deixar de impressionar ás illustres famílias, que não regatearam sua decidida simpatia aos jovens scouts. Dahi resultou que inumeras foram as inclusões de novos elementos ás nossas tropas, todos precedidos de rigorosa sindicancia. Era, pois, indispensavel que surgisse uma tribu nova. Graças aos esforços incansaveis do senhor Rodolpho Malempré, coadjuvado por outros dedicados senhores, surgiu promissoramente a 4.ª Tribu — "Carajás" — falange brilhante, de rapazes distintos, com a qual se enriqueceu nossa entidade. Já agora a "Boy Scouts Paulistas" tomava um vulto notavel. Não mais seria possivel manter sua modesta organização anterior. As atenções das melhores famílias de São Paulo estavam voltadas para ela. Era forçoso conduzi-la aos seus altos destinos, sob as bençams de Deus, ao serviço da Patria!

### III

Este período terceiro deve ser retrospectivo: em 23 de setembro de 1923, fundou-se em São Paulo, sob a direção do Sr. Rodolpho Malempré, o Conselho Estadual da "Federação dos Escoteiros Católicos do Brasil". Um grupo de moços verdadeiramente amantes da escola de Baden Powell, constituiu esse núcleo, de onde, nove anos após, deveria surgir a entidade básica do escotismo paulista. Conservou-se em atividade esse Conselho, por algum tempo.

Os meios scouts deste Estado, porém, vieram a se agitar. Debatida a velha questão entre a "União dos Escoteiros do Brasil" e a "Associação Brasileira de Escoteiros", as entidades, grupos, etc. aqui existentes congregaram-se em torno de uma nova sociedade, que seria, sob os auspícios da U. E. B., a orientadora oficial do escotismo no Estado. A elite dos scouts paulistas, formada por aquela pleiade que fundara o Conselho dos Católicos, não se quis alheiar a esse movimento unificador, do qual deveria resultar o almejado conagraçamento. Foi assim que se cindiu o referido Conselho, passando seus fundadores e outros elementos que a estes posteriormente haviam aderido, a formar a sociedade de fato "Escoteiros de São Paulo". Reunidas as diversas associações, grupos e tribus, fundou-se a "Confederação dos Escoteiros do Estado de São Paulo", que congregou todas as atividades escoteiras do Estado, sob a filiação necessária à "União dos Escoteiros do Brasil", máxima entidade nacional, afastando-se desse movimento apenas a "Associação Brasileira de Escoteiros", pelo seu antigo desdido. Tudo fazia crer que estava iniciado o trabalho de pacificação há tanto esperado e que seus resultados não se fariam aguardar.

Infelizmente, assim não sucedeu.

Paralisada, por questões internas, a vida da Confederação, um grupo de seus adetos entendeu, mais tarde, fazê-la resurgir, alijando do seu grêmio diversos grupos, entre os quais a Federação "Escoteiros de São Paulo". Esta não se conformou com o ato e recorreu à "União dos Escoteiros do Brasil", a qual, diante do estado confuso do escotismo paulista, deliberou designar um delegado especial seu para decidir, aqui, a contenda. Encontrava-se a questão neste ponto, quando deflagrou o movimento constitucionalista.

### IV

A sociedade "Boy Scouts Paulistas", sem considerar a situação confusa do escotismo aqui e confiando na ação futura da "União dos Escoteiros do Brasil" (1) deliberou, desde logo, organizar os seus trabalhos de guerra tendo em vista, exclusivamente, o programa universal da sua escola. E assim agiu, sempre de acordo e sob as ordens da Cruz Vermelha.

Outros grupos aqui se formaram, para auxiliarem a campanha e todos se subordinaram a uma organização a que denominaram "Cruzada dos Escoteiros". Solicitados para participarem desses trabalhos, os "Boy Scouts Paulistas" se recusaram a o fazer, porisso que os seus serviços estavam já organizados e afetos á Cruz Vermelha. Dessa "Cruzada" se incumbiram a "Associação Brasileira de Escoteiros", e todas as demais associações, grupos, etc.

A "Boy Scouts Paulistas" permaneceu sempre ao serviço da Cruz Vermelha e exerceu, por acrescimo, atividades em outros postos, quando estes não eram servidos por elementos da referida "Cruzada". Deante dessa dualidade de pontos de vista, era forçoso organizar-se definitivamente a sociedade civil, sob o amparo das disposições do Código Civil Brasileiro. Assim se fez, depois de consultados todos os chefes de tribus, seus elementos mais valiosos e seus diversos amigos, entre os quaes pessoas de elevado conceito social.

Foi assim que aos 23 de setembro de 1932, nove anos contados após a fundação inicial de que dá noticia o capitulo terceiro deste historico, o "Diário Oficial" deste Estado publicava os Estatutos da "Boy Scouts Paulistas". Registrada como pessoa jurídica, sob numero 490, em 26 do mesmo mez e ano, proseguiu, sem solução de continuidade, a sua vida social.

## V

Encerrando o ciclo de sua faze inicial, esta entidade cumpre com o grato dever de registrar aqui os nomes daqueles denodados "boy scouts" que serviram com tão elevada abnegação, durante os dias da luta constitucionalista, numa demonstração eloquente dos seus predicados moraes, em bem dos seus ideais de humanidade e filantropia.

Serviram fóra da Capital: —

- |                          |                              |
|--------------------------|------------------------------|
| 1) João Mós              | 7) Armando Baraldi           |
| 2) José Spina            | 8) Carlos Nobre Rosa         |
| 3) José Spina Neto       | 9) Duilio Cunha              |
| 4) Léo Ribeiro de Moraes | 10) Plinio Lares Seabra      |
| 5) Crescencio Spina      | 11) Orival de Azevedo Moraes |
| 6) José Gayotto          | 12) Manoel Kalajian.         |

Todos estes das nossas tropas.

- |                     |                             |
|---------------------|-----------------------------|
| 13) J. C. Macintyre | 17) Waldemar Heinrich       |
| 14) Patrick Nixon   | 18) Arnaldo Walker Kennerly |
| 15) Bobb Benett     | 19) Ronald Siciliano        |
| 16) Frank Delany    | 20) Mauricio Santos Cruz.   |

Das tropas inglezas de S. Paulo.

- 21) José Pina Figueiredo, "rover" brasileiro  
22) Waldomiro Anderson, "rover" lethoniano  
23) Tomoo Ikeda, "rover" japonês.

Os serviços prestados por estes scouts consistiram em transportes de feridos e de medicamentos e material cirurgico; instalações electricas nos Hospitais de Sangue; condução de veiculos a motor, ligações por meio de bicicletas, registros de entradas e saídas nos postos de saúde, sapa, e todos os demais trabalhos que pudessem ser realizados por "boy scouts" junto ás linhas de fogo.

Na Capital, serviram: —

### "Boy Scouts"

- |                                |                                 |
|--------------------------------|---------------------------------|
| 1) Arnaldo de Andrade          | 30) Otelo Lugieri               |
| 2) Otavio C. P. de Almeida     | 31) Etoze Lugieri               |
| 3) Tancredo Thomaz             | 32) Herminio Ferreira           |
| 4) Fernando Geribelo Galvanese | 33) Celio Ferreira Amaral       |
| 5) Cyro Oscavo de P. e Silva   | 34) Rui de Almeida              |
| 6) Silvio Faria                | 35) José Luis Malta             |
| 7) Pedro Cavalcanti            | 36) Paulo Martins               |
| 8) Cleso Caiubi Novaes         | 37) Henrique Leite Guedes       |
| 9) Francisco Sampaio Moreira   | 38) Gil Prestes Bernardes       |
| 10) José Carlos Martins        | 39) Fernando Gaiotto            |
| 11) Claudio Loeb               | 40) Olavo Amaral                |
| 12) Osvaldo Moraes             | 41) José Carlos M. Nogueira     |
| 13) Alcides Blois              | 42) Werther Guerra              |
| 14) Roberto Gusmão de Andrade  | 43) Helio Santi                 |
| 15) Gastão Vidigal (filho)     | 44) José Carlos Malta           |
| 16) Miguel Gusmão de Andrade   | 45) Renato Ribeiro da Silva     |
| 17) Jaime Hodge                | 46) Roberto Bitencourt          |
| 18) Joaquim Leite Guedes       | 47) Jorge Horacio Gomes Bononi  |
| 19) Laercio Lobo de Moraes     | 48) Tomaz Saraiva Pimentel      |
| 20) Fernando Marinho           | 49) Ambrosio Marguti            |
| 21) Jaime Castro Barbosa       | 50) Gastão Rachou (junior)      |
| 22) Silvio Canto               | 51) Carlos de Campos Vergueiro  |
| 23) Luis Oliveira Barreto      | 52) Carlos Alberto Soares Teles |
| 24) Ascanio Vilas Bôas         | 53) Alvaro de Andrade           |
| 25) Roberto Almeida            | 54) Jarbas Carvalho Machado     |
| 26) Rui Claudio Barguti        | 55) Fernando Sodero             |
| 27) Rodrigo Otavio Junqueira   | 56) Joaquim Cabral Lopes        |
| 28) Antonio Sales Sampaio      | 57) Armando Rodrigues           |
| 29) Adolpho Melchert de Barros | 58) Nodgi Pestana Catão         |

- |                            |                                |
|----------------------------|--------------------------------|
| 59) Alvaro Pestana Barreto | 77) Vando Barbosa              |
| 60) Luis Rossi             | 78) Ademair da Silva Azevedo   |
| 61) Manoel Bitencourt      | 79) Quirino Serrasani          |
| 62) José Silva do Vale     | 80) Francisco Biagi            |
| 63) Alcides Imperatore     | 81) Arnaldo Spina              |
| 64) Alberto Spina          | 82) Jorge Carvalho             |
| 65) Osvaldo Grechi         | 83) Fernando Lima              |
| 66) Eduardo Teixeira       | 84) Luiz Antonio Manfro        |
| 67) Alfredo Gloria         | 85) Mario Guazzeli             |
| 68) Vicente Stanice        | 86) Geraldo Negreiros          |
| 69) Danilo Del Debio       | 87) Orlando Ribeiro Branco     |
| 70) Idodo Carleti          | 88) Paulo L. Gallet            |
| 71) Americo Camasmie       | 89) Jorge Savaia               |
| 72) Julio Giovanete        | 90) Antonio Carlos Canto Filho |
| 73) Carlos Armami          | 91) Luiz Geraldo Ferrari       |
| 74) Nain Neme              | 92) Octavio Gomes              |
| 75) Angelo Separeli        | 93) Sidnei Blois               |
| 76) Mario Camasmie         | 94) Eric Olsen                 |

Este ultimo e Claudio Loeb das tropas inglezas e todos os demais das nossas tropas.

#### “Lobinhos”

- |                                      |                                |
|--------------------------------------|--------------------------------|
| 1) Renato de Andrade                 | 7) Dorival de Luca             |
| 2) Policarpo Azevedo Canto           | 8) Valter Luis José Serena     |
| 3) Paulo Cavalcanti                  | 9) José Carvalho Ferreira      |
| 4) Armando Sartoreli                 | 10) Joaquim Soares Melo Jorge  |
| 5) Luiz Branco                       | 11) Antonio Cabral Lopes       |
| 6) Nelson Alvaro de Andrade<br>Silva | 12) José Tarcisio Costa Lorena |
|                                      | 13) Bento Luis Costa Lorena    |

Todos das nossas tropas.

Serviu na séde da Cruz Vermelha Brasileira, como enfermeiro e massagista, prestando ótimos serviços, o scout master holandez Antonio H. Weytingh.

Todos estes trabalhos estiveram, sempre, sob a direção immediata dos diretores desta entidade, senhores Rodolpho Malenpré e Armando Lorena, os quaes tiveram no rover Arnaldo de Andrade o mais esforçado auxiliar.

---

Ao ser encerrado este relatório, recebemos a seguinte carta: “Im. Snr. Armando Lorena. Saudações. Terminando o serviço estatístico de dados obtidos na Seção Medica da Concentração do Jardim da Infancia, durante parte da Campanha Constitucionalista, em São Paulo, e tendo tido



como meu unico auxiliar nesse serviço o scout Jorge de Carvalho, desejo que o mesmo seja elogiado no Boletim da Unidade Scout a que pertence, em virtude da pontualidade e dedicação nos serviços que me prestou e perfeita compreensão da responsabilidade que assumiu comigo, reafirmando eloquentemente, com o seu modelar procedimento, o valor da organização scout entre nós. Felicito ainda V. Sa. por ter conseguido reunir tantos rapazes como esse, cooperando assim para a perfeita compreensão e melhor execução do dever de todos. São Paulo, 3 de 10 de 32. (a.) Dr. João Cleomenes Machado". —

Por esta forma, terminou, como começou, a ação dos scouts sob nossa direção, durante a revolução de 1932 no Estado de São Paulo.

*Armando Lorena*  
Presidente.

(Do arquivo)

---

(1) Nota de revisão: — O assunto está hoje inteiramente resolvido, com o reconhecimento officina da "Federação dos Escoteiros de S. Paulo", dirigente maxima do escotismo no Estado.

---

# RELATORIO

ENVIADO AO CHIEF-SCOUT LORD BADEN OF GILWELL, PELA "BOY SCOUTS PAULISTAS", POR INTERMEDIO DO CHEFE SCOUT DA 1ª TROPA INGLESA DE SÃO PAULO, J. C. MACINTYRE

(Tradução)

## Os "Boy Scouts Paulistas" e seus serviços no recente movimento constitucionalista

Antes de principiar este pequeno relatório dos serviços prestados pelos "scouts" em campanha, com a Cruz Vermelha Brasileira, quero que fique bem claro que a "Boy-Scouts Paulistas" é um grupo separado de "scouts" e, talvez, o unico que aqui segue fielmente o código scout, tal como foi compilado por Lord Baden Powell. Esta pequena, mas crescente Federação, tem feito e está aparelhada para fazer muito mais do que qualquer outra associação paulista, conservando o padrão do escotismo a par com o que existe na Europa e Estados Unidos da America do Norte.

Segunda-feira, 11 de Julho, em companhia do sr. João Mós, um dos chefes da mencionada associação, dirigi-me á sede da Cruz Vermelha Brasileira e puzémos á disposição da mesma os "rover-scouts". A pessoa que nos atendeu aceitou, sem interpeção, o nosso oferecimento, mas, durante a conversa pudémos ver perfeitamente que sua opinião, quanto á utilidade dos scouts, era um tanto obscura. Entretanto assegurou-nos que nos avisaria, na ocasião em que a Cruz Vermelha desejasse nossos serviços — promessa esta que está ainda para ser cumprida.

Não desanimando, em seguida ao nosso oferecimento fizémos varias outras visitas á sede da Cruz Vermelha, durante o dia seguinte ao da nossa primeira visita. Foi, neste segundo dia, que tivémos a felicidade de ser apresentados ao sr. Roberto Pompilio, Diretor dos Transportes da Cruz Vermelha, e, durante nossa breve palestra com este senhor, notámos o seu interesse pela nossa oferta, pois lembrou-se dos relevantes serviços prestados pelos "scouts" durante a grande guerra.

Dentro de poucas horas os scouts começaram a prestar os primeiros serviços, montando guarda aos carros e ambulancias em preparação para a primeira caravana que ia seguir para o setor Norte. Na terça-feira, 12 de Julho, uma reunião dos "rovers" teve lugar na sede da Federação, e eu fui distinguido com o posto de "Chefe" dos "scouts" em Campanha", cargo que me orgulho de haver desempenhado. Embora fosse eu estrangeiro, a escolha provou o verdadeiro espirito de fraternidade. Durante a sessão, expliquei aos presentes os serviços prestados pelos meus

irmãos ingleses na Grande Guerra e acrescentei que, de acôrdo com as informações recebidas da Cruz Vermelha, os nossos serviços seriam talvez necessarios na linha de fogo, no cumprimento de nosso dever. Apelando para voluntarios para esta missão, todos os presentes, no total de 14, alistaram-se imediatamente para cumprir o seu dever na linha de frente. Um espírito mais entusiasta não se poderia esperar logo no inicio do trabalho que tínhamos a desempenhar.

Quarta-feira, dia 14, fomos chamados á Cruz Vermelha, pelo snr. Pompilio, o qual nos pediu para fazermos um "croquis" do serviço de ligação entre Lorena e S. Paulo (Lorena, nesta data, era a linha de frente do setor Norte). Os diretores da Cruz Vermelha desejavam estar preparados no caso de haver qualquer interrupção na linha telefonica entre essas duas cidades (em virtude do inicio das hostilidades). Depois de um entendimento com os outros chefes dos "scouts", um sistema de reversamento foi adotado. A distancia entre os dois pontos acima era de 217 quilometros; deliberámos, pois, dividi-la em 5 postos de, aproximadamente, 40 quilometros, sendo que, nessa ocasião, foram prometidas motocicletas para tal serviço de ligação.

No sabado, dia 16, a primeira caravana para o setor Norte estava pronta, sendo composta de 3 ambulancias, 3 caminhões com os apetrechos de hospital e 3 automoveis para o transporte do pessoal necessario, que era formado das seguintes pessoas: 8 medicos, 7 enfermeiras e 4 estudantes de medicina.

A' ultima hora o nosso arranjo para o serviço de ligação foi suspenso e cinco "scouts" tiveram ordem de acompanhar a caravana.

A caravana partiu de S. Paulo no domingo, dia 17, ás 6 horas da tarde, com o Dr. Arnaldo Pedroso como Cirurgião-Chefe e o snr. Roberto Pompilio como Diretor dos Transportes. O nosso destino era Guaratinguetá e é interessante notar que, depois de 90 dias de campanha, onde avançamos e retrocedemos, nossa ultima retirada foi feita deste ponto. Os "rovers" designados para seguirem nesta caravana, foram: José Spina, José Spina Neto, P. Nixon, João Mós, e J. C. Macintyre. Durante a viagem fomos obrigados a parar diversas vezes para reabastecer os carros, fazer pequenos reparats, e foi sómente ás 3 horas da manhã, mais ou menos, que atingimos a cidade de Guará, tendo percorrido a distancia de 205 quilometros em 9 horas. Nesta viagem a ambulancia em que iam os "scouts" sofreu varios reparos entre Taubaté e Pinda e os rapazes tiveram de experimentar dormir ao relento. Esta ambulancia teve má sorte desde o começo da viagem, pois, além de desarranjos no motor, os pneumaticos estouraram em 7 vezes. Que viagem!

Neste dia, 17 de Julho, a linha de frente do setor Norte estendia-se, desde Piquete, Tunel, Queluz, S. José do Barreiro, e o flanco direito desta ia na direção da cidade de Cunha.

No dia 19 fomos reforçados pelos "rovers" R. Bennett, W. Heinrich, Tomoo Ikeda e José Gaioto.

Em Guará o Dr. Arnaldo Pedroso e o snr. Roberto Pompilio fizéram um plano dos hospitais de sangue e postos avançados, o qual se estabeleceu da seguinte maneira: Postos avançados, em Piquete, Fazenda Palmeiras (Est. do Rio), Fazenda Santa Rita (Est. do Rio), S. José do Barreiro e Sant'Ana dos Tock. Cada posto foi ocupado por um medico, um estudante, um "scout", e uma ambulancia com o respectivo condutor. Um hospital de evacuação foi instalado em Areas, composto de 18 pessoas, incluindo medicos, estudantes, enfermeiras, "scouts" e condutores.

Nossa seção de transportes teve tambem, sua base em Areas. Foram instalados hospitais em Cachoeira e Silveiras, e, em Guará, a Escola de Farmacia e Odontologia (uma excelente instituição moderna), foi requisitada para servir de hospital e funcionou durante a maior parte da revolução, como base da Cruz Vermelha. Nossa rede de hospitais e postos avançados, ficou, dest'arte, completa.

A instalação do hospital em Guará deu aos "scouts" uma excelente oportunidade para mostrarem seus serviços. Salas de aula foram imediatamente transformadas em enfermarias. O chão foi raspado e desinfetado. As instalações electricas não eram suficientes para um hospital e foram, porisso, imediatamente reformadas

pelos "scouts". Durante o curto espaço de 12 horas a Escola ficou transformada num hospital de sangue de primeira classe, pronto para receber o primeiro contingente de feridos.

Depois da primeira quinzena de Julho, com as tropas paulistas na ofensiva, a luta se tornou mais intensa e logo os nossos postos avançados começaram o trabalho propriamente dito. A seção de transportes, com o corpo medico, não teve descanso, pois, o seu serviço não sofreu interrupção.

Em data de 29 do mesmo mez de Julho, os comandantes militares julgaram conveniente fazer uma retirada de S. José do Barreiro, devido á inutil perda de vidas na conservação deste posto, e tomaram uma posição mais vantajosa em Morro Frio, mais ou menos 14 quilometros distante de Areas. Devido a esta retirada, nosso posto avançado de Sant'Ana dos Tocos retrocedeu até Areas.

O "rover-scout" do posto de S. José do Barreiro, serviu de cosinheiro e fez todos os demais serviços que se lhe depararam — trabalhos estes que foram desempenhados debaixo do bombardeamento da artilharia. Em Sant'Ana dos Tocos os "scouts", nas primeiras noites, dormiam nas proprias trincheiras, até encontrarem uma casa que lhes servisse de posto; entretanto, embora a experiencia servisse para abalar os nervos, o seu maior aborrecimento foi ataque dos "carrapatos". Aqui, tambem, os "scouts" serviram como cosinheiros e ajudantes dos medicos e estudantes de medicina.

Desde a data da retirada supra citada, o Hospital de Evacuação de Areas trabalhou com regularidade e a seção de transportes manteve ligação continua com os postos avançados. O plano, no seu conjunto, foi o exemplo edificante de um trabalho perfeito.

Creio que os "scouts" do posto avançado da Fazenda Palmeiras jamais se esquecerão do intenso bombardeio da aviação e artilharia federais, nos dias 1 e 2 de Agosto, e onde se tornava necessario estar de prontidão, a, mais ou menos, uma distancia de 50 metros da linha de frente. Merece menção o dia 2, especialmente, data em que o bombardeio começou ás 10,30 e terminou ás 21,30 hs., sendo que algumas centenas de granadas 75 e 105 atingiram as proximidades de nossa linha, seguidas do bombardeio da aviação militar, que se fazia notar toda a vez a artilharia federal cessava o canhoneio.

O bombardeio estava no principio quando, repentinamente, distinguimos, ao longe, um forte rumor que se aproximava, e, tão intensas eram as detonações, que estavam certos de que eramos alvo das peças do calibre 150 das tropas federais. Um oficial de artilharia de montanha, que se achava no nosso posto, recebendo os primeiros curativos de um ferimento na mão, para nos "tranquilizar" afiançou-nos que os federais estavam atirando com 4 peças simultaneamente. Até ás 11 horas da manhã, as granadas explodiram a 100 metros atraz de nosso posto, causando pequenos estragos e oferecendo-nos assim uma pequena segurança. A esta altura o bombardeio enfraqueceu e os dois estudantes de medicina de nosso posto tentaram atravessar o terreno afim de verem se descobririam um abrigo melhor; porém, como si tivessem cahido do céu, surgiram 4 aeroplanos federais, bombardeando as nossas linhas e a casa da fazenda occupada por nós. Os rapazes haviam quasi atingido a metade do terreno, quando inumeras bombas explodiram em redor deles e é quasi inacreditavel ver os nossos companheiros correndo na nossa direcção, ilesos, porém com os nervos abaladissimos. Isto foi um verdadeiro milagre, a julgar pelos numerosos buracos que pudemos ver num raio de 30 metros do local onde eles se achavam. Depois do almoço, o fogo das baterias federais principiou novamente, porém com a alça de mira mais reduzida, do que resultou ser a casa da fazenda attingida, ficando os dois ultimos compartimentos reduzidos a escombros. Nesta ocasião 3 soldados do 4.º R. I. ficaram feridos e um joven "chauffeur" de nosso grupo foi ferido por um estilhaço de "shrapnel", no joelho. A estes feridos e outros, foi dispensada imediata atenção e transporte para Areas. A' vista do sucedido e certos de que a nossa posição tinha sido descoberta, decidimos retirar-nos até um bosque situado a 300 metros da linha de frente. Como acima disse, o bombardeio continuou até á noite.

Os dezessete "scouts" que tomaram parte na campanha, daqui por deante ficaram distribuídos da seguinte maneira:

*Em Arcas e postos avançados —*

José Spina, R. Bennett, João Mos, P. Nixon, T. Ikeda, W. Heirinch e J. C. Macintyre.

1.<sup>o</sup> Hospital (Silveiras) —

J. Pina Figueiredo, José Gayoto.

2.<sup>o</sup> Hospital (Cachoeira) —

José Spina Neto, Crescencio Spina.

Hospital-Base (Guará) —

Léo Moraes, Frank Denaly, Arnald Kennerly, Manoel Kalajean, Armando Baraldi, Duilio Cunha, W. Anderson.

No dia 8 de Agosto as tropas federais voltaram à carga com forte pressão, coadjuvadas pela artilharia e aviação, forçando nosso flanco esquerdo a recuar de Queluz. Desta ofensiva resultou o perigo de nossas posições da Fazenda Palmeiras, Fazenda Santa Rita e Morro Frio, serem atacadas pelo lado e pela frente, do que poderia, também, dar-se o caso de ficarmos com a retirada cortada.

Assim, fomos obrigados a recuar até Silveiras, para ficarmos com a nossa frente em linha. Esta retirada foi feita à 1 hora da manhã do dia 9 de agosto; um trabalho surpreendente; e causa estranheza o fato de haver mais feridos por acidentes de automóveis do que pelo fogo inimigo. Isto devido ao serviço de transportes ser feito, em varios pontos, com a luz apagada.

Com a mudança de nosso "front" fui obrigado a transferir a maior parte dos scouts para as posições da retaguarda, permanecendo somente dois em Silveiras. Os scouts restantes foram divididos entre Cachoeira e Guará. Os deveres dos dois scouts de Silveiras incluía a lavagem de pratos e chão, ajudantes de cosinheiros, cozeiros, intendentes e fazer duas visitas diárias aos postos avançados da Cruz Vermelha, com o material de emergencia e comida. Este serviço foi desempenhado, apesar de todos os obstaculos interpostos. Neste tempo, o nosso hospital de evacuação foi instalado em Silveiras e a seção de transportes tomou lugar na mesma cidade.

Com as retiradas acima ditas, o aumento do numero de feridos e a transferencia do hospital de Silveiras, juntamente com a aparelhagem e o pessoal para Cachoeira e Guará, nestes dois hospitais o numero de feridos atingiu a 250. Esta cifra, porem, não pode ser tomada como numero de feridos neste Setor, nesta data, pois, muitos foram enviados diretamente de Lorena em trens proprios para S. Paulo. A vista do aumento diario de feridos e doentes, foi necessaria a instalação de mais dois hospitais em Guará. Nesta cidade, os rovers scouts foram divididos em grupos sob as ordens de 3 chefes para servirem nos hospitais. O serviço compreendia o dia e a noite vigiando as enfermarias, servindo de mensageiros e padioleiros.

Durante este periodo a artilharia de ambos os lados entregava-se a verdadeiros duels durante dia e noite. A aviação federal, de fato, desde o começo, fazia-nos 3 visitas diárias, com seus 4 ou 5 aeroplanos de cada vez. E sempre vinha jogar-nos algumas bombas à hora do almoço, como para servirem de aperitivo.

Neste tempo (28 de agosto) uma caravana da Cruz Vermelha se estava preparando em S. Paulo para seguir para o Setor Oeste, e, estando eu em S. Paulo, gosando da licença de 48 horas, solicitei-me que arranjasse 6 rovers para guiar as ambulancias da mesma. Para atender a este pedido fui obrigado a retirar 4 rovers do Setor Norte, que, com os dois que aqui se achavam, perfiziam o numero de "chauffeurs" desejado.

Às 3 horas da tarde de 29 de agosto, os rovers partiram para o Setor supra dito numa caravana composta de 8 carros.

Lindóia era o nosso destino, mas, devido à occupação desta cidade pelas tropas federais, na tarde de nossa partida de S. Paulo, fomos avisados em viagem, para permanecermos em Mogi Guassú.

Chegamos a esta cidade às 7,30 da tarde e, logo em seguida, procedemos

à instalação do nosso hospital no Grupo Escolar local. À meia-noite, mais ou menos, os primeiros feridos começaram a aparecer. Em 31 de agosto as tropas federais principiaram uma grande ofensiva e avançada sobre Mogi Guassú. Infelizmente, não recebemos aviso deste movimento em tempo e à última hora tivemos de nos retirar às pressas. Tivemos somente o tempo necessário para transportar os nossos feridos para Campinas, porém, não foi suficiente para salvar os nossos apetrechos.

A ordem para esta retirada foi tão inesperada que nos veio colher justamente quando nossas ambulancias se achavam fóra, em serviço, e os caminhões tinham ido buscar mantimentos, ficando somente um carro "Ford" para transportar 9 pessoas que se achavam em nosso posto. Finalmente, o carro ocupado pelo pessoal, bagagens e demais objetos de valor, do equipamento do hospital que podesse ser salvo, partiu. Realmente era de fazer rir o vel-o, pois havia bagagens sobre a capota, estribos, para-choques, "scouts" sentados nos para-lamas, pendendo para fóra as pernas de alguns ocupantes do carro. Como carro, não se podia reconhecê-lo, mas, em todo o caso, serviu para nos tirar dali.

Depois desta retirada, o dr. Brasilino Vaz de Lima, nosso cirurgião-chefe, confiou-nos a direção da seção de transportes da Cruz Vermelha neste setor. Todas as ambulancias e carros de nosso equipamento foram dirigidas por nós e mantivemos continua comunicação com as linhas de frente e hospital de evacuação, (Fazenda Santa Cruz, Jaguari).

Durante a permanência de tres semanas neste setor, tomámos parte em 4 avançadas e 5 retiradas e servimos em Mogi Guassú (2 vezes), Mogi Mirim, Jaguari, Pedreira, Nova Lausane e Carlos Gomes. A linha neste setor era um tanto falha e podia-se notar claramente a firme decisão das tropas federais em quererem tomar a cidade de Campinas para servir de chave às suas operações.

Foi durante a nossa segunda estadia em Mogi Guassú, quando o pessoal da Cruz Vermelha teve ordens para acompanhar a retirada geral para Jaguari, que uma oportunidade unica se nos apresentou. A maioria das tropas paulistas deixou a cidade e o equipamento da Cruz Vermelha estava pronto para partir, quando um "scout" foi informado de que tres familias estavam impossibilitadas de sair da cidade quasi abandonada. Antes da partida do pessoal da C. V., nossos rovers pediram licença ao dr. Brasilino para ficar, afim de procederem ao transporte das mulheres e crianças que ainda permaneciam na cidade. Recolhidas estas pessoas em varios pontos, tivemos, afinal, ensejo de sair de Mogi Guassú, cidade esta que estava ja completamente abandonada e que prestes ia ser ocupada pelas patrulhas avançadas das tropas federais.

Neste setor sofremos muito mais com os mortíferos ataques da aviação federal, representada por aviões de caça voando em baixa altura sobre as estradas de rodagem, em procura de caravanas para destroçar. Aqui fomos alvo da metralha de um destes aeroplanos. Este incidente teve lugar na estrada entre Mogi Mirim e Mogi Guassú. Durante o transporte do equipamento do hospital num dos nossos caminhões, vimos surgir 4 aeroplanos, ninguem sabe de onde, e um deles avistando nosso carro veio em nossa perseguição. Dirigimos o caminhão para baixo da folhagem de uma arvore e, pulando fóra, deitámo-nos de comprido a uma pequena amurada que circundava uma casinha. A este tempo o aeroplano baixou sobre nós e, si o nosso tapacete fosse tão grande para cobrir-nos até o tornozelo, então, sim, poderíamos ter mais amplo senso de segurança. O ronco do motor avisinhava-se cada vez mais e de repente parou. Este silencio avisou-nos da chuva de balas prestes a cair. O seu erro nesta manobra salvou-nos. Janelas que estavam a 6 metros de distancia mais ou menos, completamente em pedaços, são as testemunhas de nossa miraculosa salvação. Assim que o aeroplano sahiu, tres "scouts" correram a abrigar-se no mato afim de escapar a outra provavel investida.

Na Fazenda Santa Cruz (Jaguari) os rovers construíram o seu primeiro abrigo subterraneo, que mereceu elogios dos officiais que o visitaram.

A 17 de Setembro a caravana da Cruz Vermelha que servia no setor Oeste

foi chamada a S. Paulo, ficando o proprio Corpo de Saude do exercito no controle deste serviço nesta zona, empregando o seu pessoal proprio.

Os "scouts" incluidos nesta caravana tiveram ordem para seguir mais uma vez para o Setor Norte, a fim de servirem na seção de transportes da linha de frente da Cruz Vermelha.

Chegando a Guará, fomos informados de que a linha de frente estava agora estendida de Pedregulho (Serra da Mantiqueira), atravessando Engenheiro Neiva, Serra Quebra Cangalha e acabando em direção de Campos Novos de Cunha.

Guará estava, nesta ocasião, com um aspeto inteiramente diferente, tendo sido abandonada pelo ultimo dos 45.000 habitantes que ela tem de população, devidos á sua proximidade da linha de frente. A cidade foi, então, ocupada pelos poucos officiais do E. M. e o pessoal da Cruz Vermelha. O serviço de iluminação foi temporariamente interrompido e as ordens militares eram de molde a proibir qualquer especie de iluminação á noite. Durante o dia e a noite uma verdadeira matilha de cães famintos cruzava as ruas em procura de alimento. Estes animais, parecendo compreender o espirito de beneficencia da Cruz Vermelha rodeavam as visinhanças da praça onde se achava instalado o hospital, enchendo-as de seus lamentos noturnos.

A' nossa volta, tivemos o prazer de encontrar nossos irmãos rovers que haviamos deixado ha tres semanas antes. Vinte e tres rovers scouts estavam agora neste Setor: Guará 8, Aparecida 3, Pinda 12. A Cruz Vermelha mantinha cinco postos avançados em serviço, um Hospital de Evacuação em Guará e hospitais em Aparecida e Pinda.

Durante minha ausencia do setor Norte o chefe José Spina, informou-me de que uma ultima retirada tinha sido levada a efeito de Silveiras, no dia 15 de Setembro, e nosso hospital-base tinha sido transferido de Guará para Pinda. No transporte das instalações dos tres hospitais para Pinda, merece elogios a seção de transportes da Cruz Vermelha, pois, alem dos 400 feridos e doentes, foi feita a remoção de todos os apetrechos no curto espaço de 24 horas.

Estando o hospital de evacuação de Guará a um kilometro sómente da linha de fogo, podiamos ouvir distintamente o "pipocar" dos fuzis, e o "canto" das metralhadoras pesadas, enquanto que a ação das nossas baterias atraia o fogo das baterias federais.

Aqui alguns rovers serviram nos postos avançados como "chauffeurs" das ambulancias.

O scout com sua ambulancia permanecia de prontidão abrigado num bambuzal, a 100 metros, mais ou menos, da linha de fogo, em companhia do medico ou estudante de medicina. A' chegada dos feridos, as necessarias injeções eram applicadas e os primeiros curativos ministrados. O rover, então, carregava os feridos em sua ambulancia para o hospital de evacuação de Guará.

Atraz deste hospital os scouts trabalhavam na construção de abrigos para o pessoal da Cruz Vermelha. Primeiramente, tiveram de encher centenas de sacos com areia e costura-los. O transporte destes, nas costas, era um serviço verdadeiramente estafante, mormente porque era executado debaixo de um sol abrazador. Entretanto, parte do grupo já havia feito identico trabalho no setor Oeste, sob as mesmas condições e agora trabalhava sistematicamente.

Alguns dos rovers, durante as viagens de caminhão de Guará para Pinda, escaparam milagrosamente da mira dos aeroplanos.

A posição da linha, como acima ficou dito, teve ligeiras modificações até 1.º de Outubro, data em que foi feita a ultima retirada. Esta retirada ficará na lembrança dos rovers scouts melhor do que qualquer outra, pois tivemos de trabalhar 48 horas consecutivas, sem dormir, e alguns sem comer. Na noite precedente a esta retirada, ficámos de prontidão para qualquer emergencia. No dia seguinte occupámo-nos em encaixotar nossos apetrechos do posto de Guará e em limpar a Escola de Farmacia. A's 6,30 da tarde a ordem para a retirada geral foi-nos transmitida. A esta ordem os scouts em Aparecida ajudaram-nos na evacuação do seu hospital para Pinda.

Chegando a esta cidade, juntámo-nos aos rovers componentes de nosso grupo.

que ali se achavam, arduamente trabalhando na retirada final, no transporte de 300 feridos para S. Paulo, serviço este que foi executado no curto espaço de 4 horas. O encaixotamento dos apetrechos do hospital foi feito durante a noite e somente terminou no dia seguinte, na ocasião em que todo o pessoal da Cruz Vermelha voltava para S. Paulo, á vista do armistício assinado entre as tropas federais e constitucionistas.

Como um ponto de comparação com a primeira caravana para o Setor Norte, dou, a seguir a relação do pessoal que voltou no dia 2 de Outubro: 30 médicos, 16 estudantes, 14 enfermeiras, 3 farmaceuticos, 3 dentistas, 9 enfermeiros, 23 scouts sendo que destes, 6 serviram como "chauffeurs" e mais 18 "chauffeurs", num total de 114 pessoas. O numero de carros, incluindo as ambulancias de nossa equipe, foi elevado a 22. Durante a nossa occupação no Setor Norte, se verificaram cerca de 3.500 casos, entre feridos e doentes, que passaram pelo nosso Hospital de Evacuação.

Relembrando os 80 dias de serviço com a Cruz Vermelha Brasileira, revejo o trabalho dos "scouts" com verdadeiro orgulho. O grupo, sem distincção de nenhum componente, proveu ao mundo scout sua fidelidade aos dez mandamentos da Lei do Scout, durante as mais severas provas, com abnegação e entusiasmo.

Creio ter, tambem, o direito de mencionar que, durante nossa permanencia em Guará, no Hospital de Sangue, foi feito um apelo aos voluntarios, afim de ver si alguém quizeria ceder 200 gramas de sangue para uma transfusão a ser aplicada num soldado ferido e que se achava muito fraco. Quatro "scouts" immediatamente se ofereceram. Após a classificação do sangue, a transfusão foi feita de um dos nossos "scouts".

Temos um grande dever de gratidão para com o sr. Roberto Pompilio e dr. Arnaldo Pedroso, que nos deram esta oportunidade. Foi uma honra o poder servir-lhes. Não fôssem os ensinamentos ministrados pelo sr. Pompilio e estou certo de que o serviço de transportes a cargo dos scouts não teria atingido um exito tal, especialmente no Setor Oeste. No dr. Arnaldo Pedroso encontramos um verdadeiro amigo, e, como um fator de interesse, se torna necessario dizer que este cavalheiro foi acompanhado, durante toda a campanha, pela sua senhora e filhos. A senhora Pedroso é a senhorinha sua filha estavam á testa do serviço de distribuição de mantimentos em Guará, o que compreendia longas e estafantes horas de serviço, enquanto que o filho, o sr. Pedroso Junior, como estudante de medicina, prestou relevantes serviços nos hospitais.

Os rovers scouts a serviço da Cruz Vermelha Brasileira, nos Setores Norte e Oeste, foram:

José Gaioto, José Spina, João Mós, Armando Baraldi, José Spina Neto, Duilio Cunha, Crescencio Spina, Manoel Kalajejan, Ourival Azevedo, Plinio Lares, Manoel Rosa, J. Pina Figueiredo, Valdomiro Anderson, Patrick P. Nixon, Aranald Kennerly, Frank Delany, Léo Moraes, Tomoo Ikeda, R. A. Bennett, Valdemar Heinrich, C. Gomm, Ronald Siciliano e J. C. Macintyre.

Da relação supra, os ultimos sete serviram tambem como "chauffeurs".

Sob a direção dos srs. Armando Lorena e Rodolfo Malempré respectivamente presidente e diretor tecnico da "Boy Scouts Paulistas", 107 scouts ocuparam-se em diversos serviços na cidade de S. Paulo. Assim, os scouts e rovers da então federação "Escoteiros de São Paulo" hoje "Boy Scouts Paulistas", que prestaram seu auxilio na recente revolução, atingiram ao total de 130.

São Paulo, 12 de Outubro de 1932

(a) J. C. Macintyre  
Chefe dos "Scouts em Campanha"



# TRECHOS DE ALGUNS DIARIOS DOS SCOUTS EM SERVIÇO.

São Paulo, 15/7/932

No dia 15 de Julho, ás 4 h. da tarde, achando-se presentes todos os chefes e rovers que foram convocados para aquela reunião, tomou a palavra o João Mós, chefe do Conselho da nossa Federação. Depois de explicar que os presentes foram honrados com a chamada para a formação da 1.ª turma que seguiria para o "front", perguntou, simplesmente, quais os que se dispunham a partir no dia seguinte.

Como impelidos por uma mola, todos ergueram os braços em forma de saudação. Organizou-se então a seguinte turma: J. C. Macintyre, José Spina Neto, José Spina, Tomoo Ikeda, José P. Figueiredo, Crescencio Spina. José Gaioto, Léo Moraes, Patrik Nixon e João Mós.

Em seguida o Mós propoz que se escolhesse um chefe para dirigir os nossos trabalhos junto á Cruz Vermelha, sendo por todos aceito que o cargo fosse confiado ao chefe Macintyre, por ser ele chefe do nosso "Campo Escola" e por sua experiencia na Grande Guerra.

Fomos logo depois, informados dos primeiros trabalhos que nos iam ser confiados, passando o Mac a explica-los, de acordo com as instruções recebidas da C. V.

Um mapa detalhado foi estendido sobre uma longa mesa, sobre a qual nos debruçamos atentamente. Ouvimos, então, as intruções: Seguiríamos na caravana da C. V. para servirmos, primeiramente, como elementos de ligação entre Guaratinguetá e São Paulo, comunicando-nos, sucessivamente, por meio de automoveis, motocicletes e bicicletas, como o momento o permitisse.

Atendendo prudentemente, pela peor hipotese, fomos dispostos de maneira a podermos nos comunicar por meio de bicicletas. Famos 10. Passando o lapis sobre o mapa, calculando as cidades e as suas distancias, concluiu-se que cabia percorrer a cada um, uma media de 30 a 40 kilometros, e nós sabiamos já de ante-mão que, pelas instruções da C. V., a turma não poderia ser aumentada.

Mau grado a arduidade da tarefa ninguem vacilou. Ninguem perguntou: Como? A ordem era esta: E' preciso. O programa foi este: Faremos.

Findo o conclave, separamo-nos alegres e pressurosos, advertidos de que á noite encontrar-nos-iamos de novo para os ultimos avisos.

Passando por uma larga janela do arranha-ceu em que estavamos, nos escritorios da "Metropolitan Vickers", encontrei o Tomoo, embebido a olhar a cidade que se estendia lá embaixo.

— Que é isso. Tomoo? Pensando? Ele olhou-me com os seus olhos orientaes e, falando-me mais através das suas pupilas de amendoa que com os labios, disse na sua linguagem carateristica:

— "San Palo é gandi..."

— São Paulo não é Ghandi, respondi. Ghandi é muito rachitico. São Paulo é Hercules.

Já na rua eu pensava: Com que palavras explicar em casa a contingencia da situação?

No bond e em caminho fui "ruminando" um discurso, cheio de palavras bonitas e bem sonantes.

Em casa ensaiei, por tres vezes, contar tudo, não o conseguindo. Na mesa ninguem falava, parecia que já se advinhava qualquer cousa. Quasi ao fim do jantar, propondo-me a falar, emaranhei as palavras na garganta, só conseguindo dizer: Eu tambem vou... Meu pai fixou-me sem dizer uma palavra. Minha mãe parece ter

dito alguma cousa, que eu não ouvi. Não podendo ficar mais, levantei-me e tomando o chapéu, sai.

Na rua tudo parecia diferente. As casas tinham uma coloração exquisita.

A luz iluminava menos... Longe cantava um galo retardatário, mas as suas notas eram imateriais, e eu, como se sonhasse, parecia viver uma outra vida, distante daquela que rodava aos meus pés.

A partida, marcada para o dia seguinte (16) á tarde, não se efetuou, ficando transferida para a noite. Como não fôra marcada hora, e a noite muito longa, permanecemos de plantão até o amanhecer, quando soubemos que só seguiríamos ás 11 h.

Reunidos novamente ás 10, ás 10 e meia formavamos em frente a nossa séde.

Notei naquele momento que o numero da nossa turma houvera crescido. Os dez de ontem atingiram agora a vinte e um. Soube, então, que a C. V. solicitára o apresto da segunda turma e que esta já se achava constituída.

Desfilamos todos, em seguida, pelas ruas do centro, até a Abadia de São Bento: iam depositar, naquele vetusto mosteiro, a nossa oração, derradeira talvez. Deante da capela do Santissimo nós, que vinhamos risonhos e folgasões, tivemos um momento de recolhimento. Notei naquela ocasião que nenhum pronunciava as orações costumeiras. Certamente, porem, todos faziam ali a mais bela oração de sua vida, abrindo as suas almas e confiando-as a Deus. Talvez conservassem mudos os labios por não encontrarem palavras tão perfeitas, como as que quizessem para os seus pensamentos.

Veio-me á lembrança o verso de Lamartine:

“Qu'importe enquels mots s'exhale  
L'ame devant son Auteur?”

Depois de recebermos a bençã de um monge beneditino, uma senhora de nós se aproxima e coloca sobre o peito de cada um uma medalha representando o santo protetor. Rumamos logo para a séde da C. V.

Aguárdamos, inutilmente, a hora da partida que nos atormentava com as suas transferencias de hora-em-hora. Almoçamos na cidade mesmo, num restaurante chinez, que era dirigido por japonezes e cuja comida era feita por minhotos, á moda brasileira. Custeou o almoço não sei que bolsa caridosa.

A' ultima hora recebemos ordens de reduzir a nossa já pequena turma para cinco, por falta de condução e os planos anteriores foram mudados em vista das tropas paulistas terem avançado mais. Iriamos todos para Guará. Com alguma dificuldade, porque todos queriam ir, ficou determinado que iriamos eu, o Mós, Spina Neto, Mac e o Nixon.

Recebemos ordens de embarcar. Eram 5 h. da tarde. Acomodamo-nos na ambulancia n.º 2. Acenamos ainda uma vez, cada qual ás pessoas conhecidas que se podiam distinguir entre a massa de povo que nos rodeava, enquanto a caravana, composta por uns doze carros, punha-se vagarosamente em movimento.

Pelas janelas que nos ficavam aos lados viamos passar a cidade que se desenrolava celere, esgarçando-se progressivamente.

Por fim passamos a Penha, deixando atraz as suas casas de beiral enegrecido. Ainda por longo tempo, enquanto nos permitia a penumbra da noite que caia, acompanhamos com o olhar a torre carateristica da igreja da milagrosa Nossa Senhora da Penha, e, quando ela sumiu numa curva da estrada, sentimos uma magua indisfarçavel pungir-nos a alma. E' que o ultimo marco de São Paulo, que abandonavamos, acabava de ser transposto.

Atingimos, sem parar, Jacarei, onde “jantamos” uns biscoitos da afamada fabrica daquela cidade.

Novamente em marcha, a viagem que até ali fôra sem novidades sofreu o primeiro contratempo. O carro enguiçara. Feito o exame, foi notada a falta de um parafuso no carburador. Um pedaço de arame, que um de nós trazia na mochila, solucionou o caso e puzemo-nos novamente a caminho.

O atrazo foi vencido, para logo depois distanciar-nos outra vez, com a explosão

de um dos pneumáticos. Substituído este, pelo de reserva, continuamos outra vez a rodar.

Conforme subíamos de altitude, em direção á Serra da Mantiqueira, o frio aumentava de intensidade. Embrulhados, enovelados, uns contra os outros, fazíamos-lhe frente como podíamos.

Novo estouro de pneumático, nova parada, e esta, como não era a primeira, não foi a última. Mais seis vezes rebentaram aqueles pneumáticos que, embora novos, estavam resequecidos, porque aquele carro esteve parado desde a revolução de 30. Concertando, remendando, "dando um jeito", conseguiu-se arrastar aquela ambulância de socorro (que mal podia consigo) até quando, como ponto final da "tragedia", rebentaram dois pneumáticos, ao mesmo tempo. Ficou resolvido que passaríamos ali o resto da noite.

Eram duas horas da madrugada.

Raiado o sol do dia 18, saímos fora para distendermos os membros "enferujados", cujos ossos pareciam ter tomado a forma de saca-rolhas. Feito o que, eu e o Russo, chauffeur da ambulância, fomos até Pinda, que ficava a uns tres quilômetros, e onde pudemos concertar melhor os pneumáticos. Nessa cidade soubemos (fantasias da sorte) que o lugar em que pernoitamos chamava-se Socorro...

Voltando para o lugar em que deixamos os companheiros tivemos uma grata surpresa. Um fazendeiro dali de perto nos presenteára com laranjas, café, pão, etc.

Mais recomfortados e com os pneumáticos mais-ou-menos concertados pudemos chegar a Guará.

No momento em que a ambulância parava no lugar onde havia de ficar, ouvimos o som já muito nosso conhecido, do esvasiamento de mais um pneumático...

J. S.

S. José dos Barreiros, 29 de Julho de 1932

7 h. alvorada; arrumação geral. 8 h. preparei o café e depois fui para a enfermaria afim de prestar serviços. Os medicos estavam na Santa Casa trabalhando. Chegou um soldado ferido, com uma bala alojada na clavícula esquerda; faço-o descansar enquanto espera pelo doutor; ele está desesperado por não poder continuar a combater. Pede que tratem dele quanto antes e que lhe entreguem a bala alojada em seu corpo, pois que a quer mandar para o pae que está combatendo contra ele!

Das 9,15 ás 10,45, pouco mais ou menos, a artilharia das tropas paulistas atirou 57 granadas de 75. Todas elas passaram por cima do nosso posto. As 11,30 as tropas federais responderam com algumas granadas, variando de 75 e 105; depois deste bombardeio, alem da fuzilaria cerrada, que era comum nas horas das refeições, fomos almoçar. A' 1 h. estavam todos na varanda. Fui ao quintal buscar umas roupas que tinha lavado. Quando voltei não encontrei ninguém. Chegando o sr. Pompilio, perguntei-lhe se havia alguma novidade. Disse-me que não, e que ia até Areias e voltava logo. Chegaram os demais companheiros e disseram-me que havia ordem de retirada; portanto é necessario arrecadar tudo; minha mochila, como sempre, estava pronta. Depois de meia hora de intenso trabalho, as ambulancias e caminhões que tinham vindo de Areias, estavam prontos para partir; nada deixamos. As ambulancias foram das ultimas conduções que se retiraram. Por pouco era-nos cortada a retirada. Foi necessario que a artilharia paulista se collocasse na estrada, para nos garantir. Ao chegarmos a Areias, dois aviões federais perseguiram-nos, mas com a graça de Deus não fomos atingidos pelas bombas. Quando cheguei a Areias encontrei-me com os scouts Spina e Bennett que tambem chegavam de seus postos avançados em vista da retirada forçada. Abraçamo-nos saudosos. Areias passa a ser uma grande praça de guerra. Morro Frio é o "front". Medicos, enfermeiras, scouts e demais companheiros ficaram alegres por verem chegar seus camaradas de trabalho e que já há tantos dias estavam ausentes em cumprimento de seu dever. J. M.

Dia 30, em vista de haverem scouts em numero suficiente, neste posto, peço para ir a S. Paulo, e obtive a licença por escrito, do teor seguinte:

Cruz Vermelha Brasileira  
Areas, 30 de Julho 1932

O snr. João Mós, scout da federação Boy Scouts Paulistas está ao serviço das equipas da Cruz Vermelha, sob as ordens do Destacamento Andrade.

O snr. Mós tem permissão de ir a S. Paulo por 3 dias, a partir d'amanhã, 31 do corrente, devendo, terminado esse prazo, apresentar-se em nossa base em Areas.

(a) *R. Pompilio*

Silveiras, 7/8/932

Chefe do Serviço T. A. A. S.

Iniciamos o dia com relativa calma.

Feito o serviço de costume, na enfermaria, ambulatorio e cosinha, nenhuma novidade surgiu.

A's 10 h. assistimos missa. Regressamos as 10,30 e fomos auxiliar o preparo do almoço, conforme havíamos combinado, seriam escolhidos diariamente tres membros para formar uma comissão encarregada de descobrir "cômes". A turma escalada era a minha, a qual conseguiu causar sucesso, sinão pela qualidade ao menos pela quantidade e originalidade da "boia". Assim é que apresentamos ao almoço pratos, surpresas tais como: galinha recheada, tórta de angú, sardinhas do tempo imperial...

Depois do Almoço, "faxina" no alojamento. O Spina Neto, descobriu um engenho de moer cana e sua respectiva plantação. Moemos cana até enjoar. Mal tínhamos voltado ao hospital, chegou a ambulancia n.º 3 de Morro Frio, trazendo um homem em misero estado: pernas e braços atingidos por um "schrappnell". Fizeram-lhe um ligeiro curativo, providenciando uma operação imediata.

Apesar dos socorros prestados, o sargento Acrisio, este era o ferido, falecia.

Logo em seguida veio outra remessa de feridos. Tivemos uma tarde "puxada", só conseguimos jantar as 8 h. e 30. "Jantamos" café e pão com manteiga, pois o rancho mal deu para os feridos.

Fomos para o alojamento as 9 e pouco e estivemos a cantar algumas canções com acompanhamento de violão.

Tiramos a sorte para o plantão da noite. O meu caiu das 5 ás 8 h. da manhã. Fui para o "berço" as 10 h. e 30.

8/8/932

Seriam 2 h. da manhã, quando recebemos ordem para nos apresentar prestes no hospital. Ai soubemos a nova: Areias estava sendo evacuada.

Puzemo-nos a postos. Durante toda a noite foi um labutar tremendo. Era um "rosario" de ambulancias e caminhões, sem fim. Repletas as enfermarias, os doentes foram colocados nas proprias macas, pelos corredores, sala de refeições, ambulatorio, por toda a parte.

Os levemente feridos cediam as camas aos mais graves.

E conjuntamente com os nossos carros começaram a chegar tropas e mais tropas. Em poucas horas, Areias em "peso" tinha sido transportada para Silveiras. As poucas familias que ainda se achavam em Silveiras, cheias de panico, fugiram, levando baús e trouxas na cabeça.

Pela manhã, só se viam soldados que corriam de cá para lá, procurando seu batalhão, sua companhia.

Era uma confusão dos diabos.

Pretendia, ás 7 h. descansar, mas fui logo obrigado a desistir.

Ordem de evacuarmos o nosso hospital para a retaguarda.

E nova labuta. Primeiramente começamos a enviar os doentes e feridos. Mal tínhamos terminado a remessa dos feridos chega-nos uma nova "carrada", proveniente de desastre de automovel.

Com a pressa de "pirar" o carro tinha encapotado. Remetemos estes tambem para a retaguarda.

Durante as viagens dos carros, pude folgar, travando conversa com soldados que se encontravam nas trincheiras ha vinte e mais dias.

Preparei-lhes café; tal era a fome que o tomaram sem assucar por não termos mais. Perguntei-lhes se gostavam da vida de trincheira; responderam-me que nos primeiros dias ficaram impressionados. Logo, porem, acostumaram-se. Um deles pediu-me o "coador" do hospital, para poder fazer café na trincheira; dei-lho.

Trabalhamos a manhã toda. No nosso ex-alojamento, instalamos o "Posto de Sangue".

Segundo soube, as linhas paulistas de frente estão sendo estendidas na saída de Silveiras, rumo de Areias. O grosso da artilharia e Q. G. seguiram para Jataí.

As 12 h. recebi ordem de seguir para Guaratinguetá. Pouco depois consegui condução. Já estávamos de partida quando lembrei-me de que se encontrava ainda no hospital, agora desinstalado, uma velhinha cega, trazida de Areias com os feridos. Fomos em busca da pobresinha e a instalamos em uma poltrona "requisitada", pois o caminhão dava tantos solavancos que julgávamos ser cuspidos em cada curva. Apesar dos "pezares" fizemos uma viagem...bôa. Chegamos a Guaratinguetá as 2,40.

Estávamos com o estomago nas costas... Conseguimos almoço na Casa do Soldado. Mais dispostos voltamos ao hospital e recebemos ordem de descansar.

Fui dormir as 5 h. da tarde.

J. G.

Silveiras, 9/8/932

Acórdo pelas 7,15 da manhã. Belo dia de sol. Depois da higiene individual, tomo o meu indispensavel café. Dou depois os medicamentos aos doentes, pois essa tarefa era minha de 2 em 2 horas. São tantos que para não esquecer preciso ir de lista na mão. Uma capsula para o doente da cama n.º 3, uma para o doente da cama n.º 10, duas para o da cama n.º 5, e assim por deante.

A's 10 h. vou com os dois outros scouts assistir á missa na Matriz da localidade. O mesmo aspeto de todas as cidades do interior. A igreja matriz, em frente um jardinzinho, ao lado a cadeia publica, mais adiante a farmacia que vende tudo, desde anzol até sal amargo. Na rua principal ha um barbeiro que aproveita as horas vagas para exercer a profissãõ de dentista, faz "Iextrações e beturações"...

A missa terminou as 11 h. Voltámos para o hospital instalado na Santa Casa local.

Mal terminou o almoço, chega uma caravana de S. Paulo, trazendo mais alguns apetrechos e medicamentos para o hospital. Chega depois a n.º 1 de Areias conduzindo um ferido grave atingido por um "schrappel" que estourou aos seus pés. Logo depois chega um automovel de Guará, com uma enfermeira, a D. A. e com o dr. C. que ia para Areias. Trouxeram uma carta para mim. Abro-a com avidez: era da O. Uma carta recebida por quem está na frente, traz sempre uma grande satisfação.

E' preciso operar o ferido e o dr. A. havia ido para Guará. As 2,30 tomo o carro do G. afim de chamar o dr. A. e levo um tambor de gaze para ser esterelizado, pois no nosso hospital não ha "auto-clave".

O automovel dava 80,90,100 e 110 nas retas. Nos povoados um bando de galinhas no meio da estrada, despreocupadas, picando aqui, picando ali, passa o automovel... e záz... lá fica uma de pernas para o ar "estrebuchando".

O auto voava. Um sól agradavel banhava toda a estrada. Desde que cheguei não ha diferença entre os dias da semana. São todos eguais. Domingo, segunda, terça. Mas hoje pela primeira vez tive a impressão de um domingo. Nos campos que ladeiam a estrada de rodagem, o gado pasta tranquilo. Na porta de uma choupana de pau a pique e barro, sentado num banco tosco um matuto tira uns acordes de um violão muito velho e ensebado. Tudo tão tranquilo e banhado por aquele lindo sól de agosto, que não parece que estamos em guerra.

Chegámos a Guará ás 3,20, em tempo "record". Fomos para o hospital central. Um vai e vem pelas enfermarias. Era dia de visitas aos doentes. Encontro

toda a "turma" conhecida que se mostra alegre por me ver. Tirámos uma fotografia e partimos novamente de volta para Silveiras, com os medicos. Eram, 3,55. Chegámos a Silveiras ás 5 h. Vou ajudar a fazer o curativo no ferido. Pela primeira vez vejo um curativo sério. Entre os gemidos do ferido, fazem-lhe os primeiros curativos. A este nada ha mais a fazer. Morrerá dai a pouco, como disse o dr. A. Conto os ferimentos: só em uma perna são 17 e na outra, partida em tres partes, não é possível contar. O peor é que ele fala. Pede que o tratem, suplica depois que o matem, por fim estorce-se. São precisas 5 pessoas para o segurarem sobre a mesa de curativos. Balbucia depois umas palavras incompreensíveis. Eu seguro a perna para evitar que balance, mas mesmo assim sinto o ranger dos ossos triturados da perna quebrada.

Mando chamar o capelão para ministrar os ultimos sacramentos. Chega logo depois e faz a encommendação.

Soube depois que o soldado morto era casado e pai de 8 filhos. Certamente nem de leve lhes passa pela mente despreocupada de crianças que seu pai já não existe.

Depois de morto, ajudei a arruma-lo para ser enterrado. Fui depois com o caminhão leva-lo ao cemiterio. A capelinha muito modesta não tem uma mesa para depositar o cadaver afim de ser enterrado no dia seguinte. Só existe um banco muito estreito. Serviço lugubre...

Vou atravessando a alameda principal do cemiterio. São 8 horas da noite; tudo escuro. Ando, guiando-me pelo cimento da alameda. Vou pensativo recompondo os fatos desenrolados naquelas ultimas horas. Nisto uma ave noturna, que estava pousada em cima de uma corôa de lata, solta um pio funebre que mais parece um grito e vóa deixando balançar a corôa.

Jantámos tarde. Depois ficámos conversando. Escalámos os plantões para a noite. Um scout e um enfermeiro. Eu fui escalado para ficar das 11 ás 2 horas da madrugada.

Como era cedo, fomos para casa onde estava instalado todo o pessoal da Cruz Vermelha. As 11 h. vou para o hospital. O plantão decorreu sem novidade.

Horas intermináveis...

Finalmente o relógio empoeirado do hospital bate as duas badaladas. Vou sair para chamar os outros dois que me vão substituir no plantão.

Chegam dois officiais que pedem para falar ao medico chefe do hospital. Vou ao nosso "apartamento" e acordo o dr. M.. Confabulam os tres. Soube depois que era para desocupar o hospital, pois Areias estava sendo evacuada. O dr. M. manda chamar todo o pessoal. Cumpro a ordem imediatamente. E' iniciada a arrumação dos objetos do hospital. Chega depois a ambulancia com enfermeiras e bagagem que foi possível trazer de Areias. Assim vão chegando sucessivamente, feridos, enfermeiras, medicos, scouts e todo o pessoal da C. V.

No hospital o movimento é intenso. Não descansámos um instante. Doentes que chegam, roupas, generos alimenticios todos misturados e esparramados pelo chão; fuzis e equipamentos dos soldados doentes, sentados aqui, deitados ali e um voserio intenso. Os olhos estão pesados de sono. O corpo moido de cansaço...

O que sobressai nessa miseria é o espirito alegre que os scouts mantêm, em todas as ocasiões. E' o 8.º art. da Lei: "O Scout sorri e canta nas dificuldades".

Pelas ruas, soldados, caminhões carregados, canhões, metralhadoras e todo o material de guerra.

As horas passam. A madrugada, uma madrugada baça e triste, vem despontando. O dia nasce finalmente; são 6 h.; eu vou me "jogar" sobre um monte de colchões. Não tinha ainda adormecido e foram me chamar para a retirada. Vão para Guará todas as enfermeiras. Os doentes e feridos já foram quasi todos retirados. Ficamos eu e o Caioto ainda. Ajudo a arrumar o resto da sala de operações que nos custou tanto a instalar e com tamanho capricho. Sinto vontade de chorar enquanto o dr. M. diz: "isto é a guerra"...

A viagem é um "Deus nos acuda". O caminhão, carregado de objetos, dá solavancos, obrigando-nos a fazer ginastica para nos equilibrar.

Chegámos a Guará.

J. S. N.

Guaratinguetá, 12/8/932

Conforme decisão do dr. Pedroso, chefe cirurgião, hoje foi o meu dia de entrar na "faca", pois era necessario que "dona apendicite" não continuasse em suas diabruras. A's 9 h. o dr. Marcondes veio dar os ultimos "retoques" para eu ir para a mesa. Todos os colegas já sabiam e pedi-lhes que tomassem o maior cuidado para evitar que minha familia viesse a saber do ocorrido. A's 10 h. Miss Holmann veio me buscar; de braço dado fomos para a sala das operações. O 8.º artigo da nossa lei "o scout é alegre e sorri nas dificuldades", desde ha muito que estava sendo cumprido. Tinha no pensamento as imagens de minha mãe e irmã. A sala estava repleta de companheiros. O dr. Pedroso chegou e os convidou a se retirarem; Mme. Regouth (enfermeira mór) aproximou-se e deu-me um beijo na testa, dizendo: "este é o beijo de tua mãe". Na sala permaneceram: o operador, dr. Pedroso, dr. Fusco, seu ajudante, dr. Iervolino que me applicou a anestesia, d. Olga como enfermeira e, como assistentes, o quintanista Nairo e o chefe scout José Spina. Estava tudo pronto; levantei meu pensamento para Deus e comecei a dormir. Vinte minutos depois já estava na enfermaria; acordaram-me; em volta de minha cama um "mandaréo de gente"; todos me faziam perguntas e eu ia respondendo. Sentia-me bem. Carinhos de todos os lados, tanto dos medicos, enfermeiras, scouts, como de outros colegas. A bondosa dona Marta fica servindo de minha enfermeira; o scout José Spina tambem presta seus serviços de enfermeiro. A tarde correu bem; tive que atender a muitas visitas. A' noite comecei a passar um pouco mal; o dr. Iervolino applicou-me uma injeção para poder dormir. Fiquei pensando em minha mãe e irmã e em seguida entreguei-me aos braços do morfeu...

J. M.

Silveiras 9/9/932

"Estavamos de prontidão. Seriam aproximadamente nove horas da noite, quando recebemos ordem para enterrar um combatente que tinha findado os seus dias no campo da luta. Assim, poucos minutos depois nos encontravamos no cemiterio abrindo a cova.

A noite estava escura e triste; nas linhas de frente o fogo havia cessado, a solidão do cemiterio nos impressionava, tudo enfim, produzia no nosso intimo uma emoção tétrica, horrivel, indescritivel.

A cova não demorou a ser feita. E agora só nos restava desposa-la com aquele corpo frio, que perdera o calor da vida na plenitude da existencia. Mas antes desse ato solene, procurámos debalde identifica-lo. Apenas no chapéu de campanha encontrámos sete palavras, não as sete palavras da Cruz, mas palavras que sintetizavam o sacrificio de que ele proprio foi uma das vitimas!

#### TUDO POR SÃO PAULO — VENCER OU MORRER

Envolvido num lençol, colocámos seu corpo na cova e cobrimo-lo com profundo respeito. Sobre a sua sepultura deixámos a maca manchada de sangue, a mesma que o trouxera da trincheira e o levava á sua ultima morada.

A maca manchada de sangue, em vez de uma pedra de marmore, era o unico mausuléo para aquele "soldado desconhecido".

J. P. F.

Guaratinguetá, 11/9/1932.

*Um dia cheio e uma noite... como muitas.*

Ao amanhecer de hoje, quando Guará recebia os primeiros raios do sól, levantei-me e fui tomar café. Passando, antes, pelo 1.º Hospital, que é onde eu trabalho, a primeira pessoa que encontrei, "logo de entrada", foi a enfermeira que gosta muito dos scouts, a d. J.

Para justificar o seu habito de não deixar passar nem um scout sem pedir alguma coisa, ella incumbiu-me de ir á cosinha buscar as duas cestas maiores, para ir ao mercado com ela. Como nós, scouts, estamos sempre prontos para fazer tudo, eu não me neguei, pensando já que iria buscar "la carne". Iamos indo para o mer-

cado quando numa das esquinas desponta primeiro um cinturão arredondado, vindo logo atraz dele o dr. X. Passando por nós ele nos cumprimenta, mas a d. J., que não perdia ocasião de falar, chamou-o.

Depois de uma longa historia despediram-se os dois e continuámos a caminho do mercado. Chegando lá, a primeira coisa que ela avista é um belo maço de alface. Dirigindo-se ao vendedor perguntou-lhe o preço ao que ele respondeu: dois e quinhentos. Em seguida ela pergunta: Não deixa por trez duzentos? O verdureiro, todo espantado, disse que era impossivel. Resmungando, foi-se ela pelo mercado a dentro, feito D. Quixote, tendo a mim por Sancho Pança.

Depois das duas cestas estarem cheias ela resolveu ir se embora, e não encontrando alface noutro lugar resolveu ir buscar aquelas mesmas, assim mesmo com segunda discussão com o pobre verdureiro. Depois de tudo pronto ela disse: pode ir "escutero" e entregue as cestas para a cosinheira.

Quando cheguei ao hospital larguei as cestas na cosinha e fui para o Q. G., ver se tomava café. Chegando lá encontrei tudo num silencio profundo. Eram já 9 e meia; fui para a cosinha e pedi um café. "Não ha mais café", foi a resposta. Uma turma de "devastadores" já havia passado por aquela zona.

Resolvi ir para o hospital para ver se lá seria melhor sucedido. Quando desço as escadas da cosinha ouço uma gritaria infernal. Era a d. J. que "estrilava" com a cosinheira. Dahi perdi as esperanças de tomar café. Nem entrei na cosinha, porque senão levaria com certeza um "péga brabo". De volta da cosinha encontro o scout Waldomiro que sahia d'uma enfermaria com uma bandeija de canecas. Assaltei-o. Estavam vasiaas... Pedi-lhe então que me arranjasse um pedaço de pão. Ele foi á cosinha e disse que faltava pão para um "doente", e só assim é que eu consegui "tapear" o estomago.

Chegavam naquele momento duas ambulancias carregadas de feridos graves. O dr. Marcondes saiu da sala de curativos e vendo iniciar-se aquela atrapalhada de sempre disse-me: Leva macas para lá, scout. Lá fui eu ajudar a "descarregar" aquele pessoal. Findo o serviço o dr. Marcondes mandou para a sala de curativos um soldado que estava moribundo, tendo-o eu ajudado no seu tratamento.

Já estava na hora do almoço e eu via que tambem ia ficar sem ele, quando, por sorte, o dr. Marcondes mandou que eu fosse comer.

Voltando novamente para o hospital, vi chegar uma ambulancia das grandes carregada de doentes. Não havendo mais vagas foram levados para o 3.º hospital. Como não tivessem camas suficientes o dr. Andrade mandou que levassemos umas 100 camas para lá, e assim ficamos a tarde toda a carrega-las.

Estando tudo pronto o dr. Iervolino pediu-me que ajudasse a carregar o Milion para a mesa de curativos e em seguida o Guerino, indo assim até a hora do jantar.

Depois de ter bem comido, estava sentado no jardim do hospital, quando chega um "chevrolet" numa disparada estranha, com um sargento no estribo que gritava: Maca! Maca! depressa. Eu sem saber o que era, passei a mão numa que estava ao meu lado e corri para o carro. Do fundo do automovel tirámos um soldado todo ensanguentado que, disseram, disparára o seu fuzil quando subia para um caminhão para ir ás linhas de fogo. Atingindo-lhe o craneo, a bala fez-lhe um rombo de uns dez centímetros.

O pobre homem já estava em estado de coma, quando o dr. Fusco enfaixou-lhe a cabeça apenas para que o sangue se estancasse, porque a sua morte era certa. Depois de uns minutos expirava.

D. Olga desenfaixou a cabeça do cadaver e enfiou uma mécha de algodão pela fenda do craneo, empurrando os miolos para dentro e depois costurou-o.

A's 9 horas da noite foi dada ordem para enterrar o soldado. Como era a minha noite de plantão fui eu junto com o scout Delany, servir de coveiro e prestámos as honras devidas.

P. L. S.

Guaratinguetá, dia e noite de 12/9/932

Levantei-me ás 7 h. Manhã bonita, de sól forte. A' hora do costume fui ao



Q. G. tomar café. Depois, fui ao hospital. Já lá me esperava o Spina, que me mandou ir á enfermaria ajudar a fazer um curativo.

Mais tarde, fui ao primeiro hospital, acompanhar dois doentes ao dentista. Esperámos quasi uma hora e afinal ele não appareceu. Voltámos o nosso hospital e pouco depois fui almoçar no Q. G.

O almoço hoje esteve formidavel! Houve macarronada, frango e gazona... Creio que já engordei bastante, pois aqui come-se a valer.

Ao voltar para o hospital, ouvi dizer que havíamos perdido Silveiras.

A noticia espalhou-se logo e mais tarde pôs tudo em alvoroço. No hospital só se fala nisso e cada qual amplia mais a noticia. Alguns mais medrosos dizem que hoje mesmo estarão aqui. Assim, entre ditos e desditos, passamos o resto do dia. A' tarde fui jantar no Q. G. A janta não foi igual ao almoço. Não sei porque, mas creio que foi porque perdemos Silveiras. Até as cosinheiras são boas paulistas: quando ganhamos, cosinham bem e quando perdemos, cosinham mal.

Voltamos, eu e o Kalagian ao hospital. O movimento aumentára e já chegavam ambulancias. As noticias eram más e o movimento tomara a cidade toda.

Passavam caminhões com tropas e materiais de guerra. As ambulancias chegavam rapidas e o hospital ia se enchendo.

Eu, que estava encarregado de fazer as fichas, já não dava conta do serviço. Afinal, completou-se a lotação e fomos, eu e o Kalagian, ao Almoxarifado, donde transportamos colchões e travesseiros para o hospital Civil, que estava quasi vazio. Ficamos até meia noite nesse serviço, armando camas e arrumando quartos.

Tendo terminado, fomos ao 1.º hospital onde nos informaram que chegaria um trem de saúde conduzindo cerca de 90 feridos e doentes. Deveríamos estar na estação antes da uma hora da manhã, com as ambulancias. Todas elas foram apresentadas e como não bastassem, transformamos os auto-caminhões em ambulancias, pondo as macas restantes dentro. Tudo pronto, partimos para a estação. Fui num dos caminhões e apesar de estar na frente, tive a impressão de que o auto tinha rodas quadradas. Só me faltou ser atirado fóra, tal a velocidade e os solavancos que dava.

Finalmente aparece a estação e tivemos de contorna-la para entrarmos no pateo. Lá já estavam varias ambulancias enfileiradas. A estação estava repleta. O trem, que deveria chegar a 1 h. já estava atrasado, pois passavam 15 minutos. Parado na estação estava um trem de cosinha, com muitos fogões de campanha. Momentos depois, esse comboio segue, deixando livre a linha. Ouve-se apitar ao longe e corre a noticia de que é esse o trem que esperavamos. Toda a estação movimenta-se, preparam-se as ambulancias, abrem-se as portas, retiram-se macas e quando o comboio se aproxima, verificamos não ser o esperado; está conduzindo tropas. Dêle desce um grupo de combatentes e um dêles, puxando por um pandeiro, exprime-se em cantigas desafinadas, seguido pelos outros. Pouco a pouco formou-se um grupo e assim passamos mais de uma hora a ouvir o cantor, que parecia não mais calar. Ouve-se outro apito e os carros movem-se arrastando no barulho férreo a vóz do cantor que pouco a pouco desaparece.

Grupos se formam pelo pateo. No nosso, com exceção do Spina, estão todos.

Conversamos e como está frio, entramos em uma ambulancia. Pouco depois, movimenta-se tudo; desta vez era ele mesmo. Aprontamos tudo e ficamos a postos. Um faról brilha distante, sóa um silvo agudo e pouco depois o comboio entra. Eram três horas. Na ambulancia em que eu viera, collocamos dez doentes e rumamos para o 1.º hospital. Este já estava repleto. Seguimos para o Civil, onde depositamos os doentes. Iamos voltar para a estação, mas o dr. Marcondes me mandou para a cozinha ajudar a fazer café para o pessoal. Com a pressa, esqueceu-se de me indicar onde ficava. Remechi todo o hospital até que, dando de novo com o dr. Marcondes, indicou-me o fundo do quintal, onde se achava a cosinha...

Indo para lá, encontrei o Kenerly acendendo fogo. Ajudei-o nesse serviço e depois puzemos a agua para ferver (3 latas de 20 litros). Enquanto fazíamos isso, o quintal ia se enchendo de doentes, que vinham para tomar café.

Passada uma hora mais ou menos, a agua começou a ferver. Procuramos um

coador e achamos: uma frcnha de travesseiro, que seguramos pelas pontas enquanto o dr. Marcondes jogava agua por cima do café, que caia em um balde.

Eram 5 h., quando começamos a distribuir o café. Cada soldado recebia um pãozinho e uma caneca com café. A distribuição durou cerca de uma hora e tendo terminado ás 6 h. da manhã, fomos descansar um pouco, porque ás 8 h. deveríamos estar no hospital novamente. Passamos 24 h. em serviço, sem interrupção alguma.

C. N. R.

Pindamonhangaba, 20/9/932

Hoje foi um dia cheio. Lá pelas 2 horas, pediram-me para levar de bicicleta um recado a Guaratinguetá, distante de Pinda 40 kilometros, por não ter na ocasião condução alguma. A's 2 ½ horas, saí de Pinda, tomando logo a estrada principal. O tempo estava magnífico, apesar do calor começar a fazer-se sentir. Nos primeiros 6 quilometros a estrada apresenta muitos altos e baixos, o que me esgotou bastante, pois a bicicleta éra impropria para tais viagens. Mas assim mesmo fui pedalando e olhando por baixo do capacete que teimava em cair-me sobre os olhos. O sol a pino caia-me impiedoso sobre as costas, alagando-me de suor e a mochila dansava loucamente uma marcha cadenciada. Entrei logo depois na longa planicie que medeia entre as duas cidades, cujo aspecto éra bem interessante. A' minha direita, a longa planura a perder-se de vista, semeada de arvores isoladas, floridas de azul e amarelo. A' esquerda o mesmo aspecto, somente, limitando o horizonte, a serra da mantiqueira, longinqua e azulada pela distancia. Pela frente, a estrada enrolando-se e desenrolando-se sobre si mesma a além uma região montanhosa ainda acinzentada pela bruma. Eu pensava entre mim, que para subir aquilo, precisaria arranjar umas novas pernas, pois mesmo no plano a bicicleta guinchava que metia dó. Sentia menos calor, pois soprava uma fresca brisa vinda da campina, trazendo um delicioso perfume de flores, que eu respirava com prazer. Afinal comecei a subir a encosta, mas teimava em não parar para não esfriar e enguiçar de todo. E dai por diante foi um continuo sóber morro, desce morro, numa paisagem quasi monotona, sem outros obstaculos que não as proprias elevações do terreno. As minhas pernas já estavam entorpecidas e as subidas cada vez mais ingremes. Ao principiar a subir uma forte rampa, as pobresinhas encolheram-se, e recusaram terminantemente movimentar-se. Em vista disso tive de descer e sentar-me á beira da estrada, á espera que as ditas cobrassem alento. Depois de 55 minutos, prossegui mais descansado e ao fim de pouco tempo, ao atingir o topo de uma ladeira, vi ao longe, numa elevação, as torres de Aparecida. Com isso fiquei tão entusiasmado, que me metti numa corrida, ladeira abaixo, com risco de dar com os burros n'agua, pois éra tal a velocidade que ao chegar em baixo os bréques não pegaram, tendo eu de largar as rédeas e esperar que a potranca fosse parar onde bem quizesse. Com isso adeantei-me bastante e ao cabo de uns 10 minutos cheguei ao sopé do morro onde se acha situada Aparecida. Nesse ponto tive de descer outra vez, e empurrar a bicicleta até o alto, pois naquele estado nem éra bom pensar em subir uma ladeira daquelas, montado. Os 4 restantes quilometros que separam Aparecida de Guará, foram vencidos com relativa facilidade por ser a estrada mais ou menos plana e dentro em pouco comecei a ouvir o "pipocar" das metralhadoras entremeado pelos tiros dos canhões que se achavam na frente de Guará. Mais 10 minutos e descí á porta do posto da Cruz Vermelha onde dei conta da minha missão ás 4 ½ horas. Não sei se fui reconhecido na chegada; sómente sei que ao parar á porta do posto, houve um natural movimento de recuo nos presentes, o que atribuo ao meu aspecto, que mais parecia o de um "Pelle Vermelha", pois o suor fixára a poeira avermelhada no rosto, tornando-me irreconhecivel...

C. S.

Guaratinguetá, 22/9/932

Será possível? Ha 63 dias que me encontro longe de casa e até agora a luta continua na mesma, não ata e nem desata.

Segunda-feira os nossos evacuaram Cunha. Neste setor estão ha 18 kls. de Guará. Ao norte, as nossas trincheiras estão em Engenheiro Neiva, a 4 kls. apenas. Isto tudo é estrategia...

Mas de fato, todos estão certos de que daqui não sairemos. Em todo caso temos tudo "sobre rodas".

Durante a noite estive de plantão, só conseguindo dormir às 6 h. Saltei da cama às 9 h. A manhã inteira preparámos sacos de areia para a construção do "abrigo". As 11 h. fomos obrigados a largar o serviço, pois os "urubús" surgiram e começaram o despejo. As nossas "pesadas" cantaram, mas inutilmente. Almoçámos sob um barulho ensurdecedor. Depois do almoço apareceu o vermelho espantado, pois vindo de Aparecida com uma carga, quando passava pelo campo de aviação, foi alvejado pelo "pemba", escapando por um triz. O pessoal já está acostumado com os bombardeios. Também, pudéra, a coisa não pára...

De tarde a cousa esteve "preta". Os "urubús", depois de bombardearem as trincheiras, começaram um ataque simultâneo com a artilharia dos principais pontos da cidade. Conseguiram atingir o mercado, aquartelamento de soldados, que por felicidade estava no momento vazio e alguns outros prédios.

Fomos chamados para socorrer os soldados, feridos por granadas e metralhas. Alguns populares e soldados procuraram abrigo nas igrejas. Somente nós cruzávamos as ruas, ouvindo por sobre as nossas cabeças o "chiar" das bombas. Sómente às 5 h., pouco mais ou menos, o bombardeio acalmou, mas em compensação, a artilharia e fuzilaria continuaram nas trincheiras. A noite chegou, não tínhamos luz, pois a usina fora atingida por granadas. O jantar foi às 8 h. e por sinal que estava bom, mórmente a sopa de galinha "desapertada". Pouco depois, chegou o major Aires Bento, comandante do Batalhão 7 de Setembro, que estava ferido na cabeça. O seu estado era grave e nada se conseguiu fazer, vindo a falecer às 10 h. O tenente Marino, primo do falecido, chegou minutos depois de sua morte, aproximando-se do cadáver e o beijando. Em sua companhia veio o mascote do Batalhão (menino de uns 12 anos), que estava inconsolável. Fui-me deitar às 11 h.; nas orações noturnas pedi a Deus que protegesse meus irmãos que combatem, como voluntários do Batalhão Arquidiocesano. Para não perder o costume, dormi ao som do bombardeio.

J. G.

Pindamonhangaba 27/9/32

Noite Macabra

Entrámos agora numa estrada escura como breu. Olhar para o céu, para os lados, para o chão; abrir os olhos ou fechá-los, era tudo o mesmo: Tudo negro. Fomos andando pelo instinto, apoiados, um ao outro, para não seguirmos direções opostas.

— Ter-se-ia enganado o caipira?

— Impossível, disse eu. Explicou muito claro: "Virem a primeira esquina á direita, depois passem o trio, e, sempre direito, vão dá no cemeterio".

Nisto esbarrámos em alguma coisa que rangeu. Era a porteira. Ali, portanto, havia de estar o trilho da estrada de ferro. Atravessamo-lo ás apalpadelas e continuámos.

Mas, o que nos trazia, as 9 h. da noite, ao cemeterio?

Era simples explicar: Foramos convidados pelo dr. John Smith e dr. José de Oliveira, medicos do nosso hospital, para assistirmos ao embalsamamento de um jornalista morto na madrugada ultima em um desastre de automovel.

Aquiescemos ao convite.

Porem, retardados um pouco, quando procurámos o automovel que deveria transportar a caravana ao necroterio ela já havia partido.

Propuzemo-nos, então, a irmos a pé, eu e o Armando.

Vestimos as nossas capas impermeaveis e eis-nos agora a caminho.

Mais algum tempo brincando de cabra-céga e eis que divisamos, ao longe, uma claridade amarela e ondulante.

— Lá deve haver alguém, apressemo-nos.

De fato. Alinhavam-se agora, á nossa esquerda, os altos e alvos muros da cidade inerte e, dentro em pouco, divisamos o necroterio, de cuja porta emanava a claridade.

Aproximámo-nos e espiámos.

Lá dentro, enfiados em brancas e amplas tunicas, quatro figuras movimentavam-se compassada e silenciosamente.

A um canto, sobre um catre, jazia um cadaver. No centro, sobre uma mesa, outro.

O vento, soprava rijo e agitava as vestes; compunha nas grades das janelas uma melodia funebre.

Tudo isto iluminado por uma unica vela que, bruxoleando a um canto, projetava nas paredes figuras fantasmagóricas...

---

Para fazermos jús ao ambiente batemos na porta, com os nós-dos-dedos, soturna e compassadamente.

Lá dentro, os notivagos perturbadores da paz-eterna, suspenderam o trabalho e a respiração. Nenhum atrevia-se a olhar para a porta.

Passada porem a primeira impressãõ, um deles, armado de bisturi e com cara de quem vai á forca, veio abrir a porta.

Chegámos em momento oportuno. Iniciava-se a função. Começavam a injetar formol nos principais vasos arteriais.

O serviço era feito com lentidão e muito trabalho, porque faltavam, ali, material e comodidade necessarios.

O vento soprava cada vez mais forte e era preciso fazer um verdadeiro malabarismo para manter acesa a vela. Só depois é que eu, com uma lata de biscoitos encontrada no fundo do automovel, consegui fazer uma lanterna, passando a vela por uma abertura feita em um dos seus laços.

Aquela luz que faria rubor a Edison era, no entanto, bastante util e mais comoda.

Por serem improprias as agulhas que estavam sendo usadas e por faltar mais de 70 % do material que ainda seria necessario, foi preciso que se fizessem duas viagens até o hospital.

Na segunda, aproveitando a condução, o Armando, que já "estava farto", resolveu voltar, dando por finda a sua curiosidade.

Por essas alturas foi que começaram a abertura do abdomen do defunto, para a retirada do respetivo conteúdo.

Dura veritas, sed veritas...

Quando mais agudas se deparavam as dificuldades daquela tarefa, deu-se um fato que, embora o momento não comportasse brincadeiras, provocou, no entanto, a hilariedade geral.

O dr. Smith, segurando com uma mão o figado do inditoso finado, e, com a outra, o bisturi ensanguentado, inquiriu do seu colega, com uma simplicidade mahometana:

— Mas, Oliveira, você já embalsamou alguma vez um cadaver?

— Não.

— Pelas barbas do profeta. Nem eu...

Dai por diante, a operação, que se iniciara com todos os éfes e érres, perdeu todo o seu "quê" de científico.

No inicio só se falava em peritoneo, apiploon-gastro-hepatico, coluna sigmoideal, etc....

Agora era só: pele, musculo, tripa!...

A teoria foi vencida pela pratica. O instrumental cirurgico, de manejo e funções complicadas, foi posto á margem. As longas pinças foram substituidas pelas mãos, que agora entravam e saiam arrancando e destrinchando, trazendo, emaranhada pelos dedos, toda a indumentaria que Deus nos dá.

Essa massa, que a principio era envolta em alvo algodão, agora era colocada numa cesta de vime, que se esforçava por ser de estilo bisantino.

Esta, que outrora ostentára candidas flores e odoríficos jasmims, transbordava, agora, de tripas e sangue, parodiando rubras orquideas de um infernal jardim.

Esvaziada a carcassa do paciente, ficou esta cheia de sangue e, não existindo ali um aparelho para a sua sucção, o Romão foi encarregado de retira-lo, tendo-o feito com uma caixa de papelão e passando-o para uma lata.

Era de ver-se a sem-cerimonia com que ele procedia a esse trabalho. Dir-se-ia uma samaritana, inclinada sobre uma cisterna, em dia de sól e de bonança, a colher agua no seu cantaro de barro...

Para findar o serviço tornou-se necessario, ainda, injetar formol na caixa craneana. Outra dificuldade. Faltava a broca para perfura-la. Arranjou-se o furador, (um prego de palmo, torto e enferrujado). Faltava o martelo. Foi trazido um pedaço de tumulo.

Quadro dantesco!

O craneo, vibrado por aqueles toscos instrumentos, emitia sons surdos, que repercutiam nos quatro cantos do aposento.

Emfim, estava terminado. Cogitava-se, agora, com o que empalhar o homem; o que iria substituir tudo aquilo que lhe fora retirado? Não havia algodão. Também não havia gaze em quantidade suficiente.

Mas... "na guerra como na guerra". Tirou-se o paletó do outro, o defunto que estava sobre a mesa. Fez-se com ele um embrulho e, ato continuo, foi este introduzido na barriga aberta!

Estava terminado o embalsamamento.

J. S.

28/9/932

Esta serra do "Quebra Cangalhas" é um verdadeiro labirinto. Cheia de caminhos em todas as direções, cada um peor que o outro. A 33 (o numero da ambulancia) já está cansada; além dos caminhos serem pessimos ainda me obrigam a transforma-la de ambulancia ligeira em caminhão de muitas toneladas. Estamos na direção de Lagoinha. A todo momento espera-se um encontro com os federais.

A tropa já tomou posições e deu-se afinal o primeiro contacto, cujo resultado foi ter a companhia do Tte Nunes aprisionado um soldado da Policia de Pernambuco e 8 cavalos. Da venda do Chico Turco onde estava instalado o Corpo de Saúde, recebemos ordem de irmos com todo o aparelhamento para o P. C. do Major Caiado.

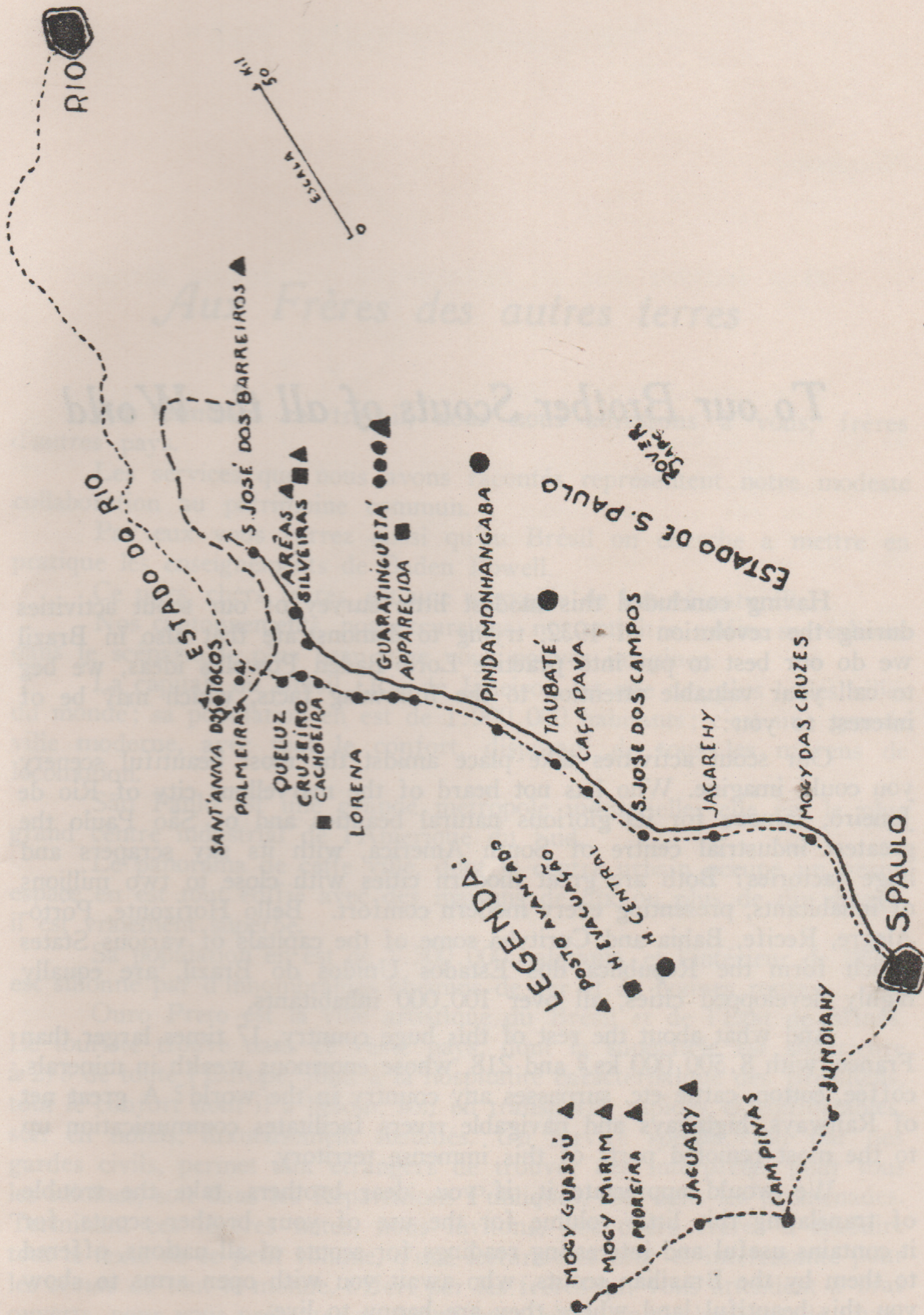
Quasi ao anoitecer, com a ambulancia completamente cheia, saimos em direção ao P. C. Numa encruzilhada encontrámos uns cargueiros com metralhadoras. Quando um burro em que ia montado um sargento viu o automovel, espantou-se atirando-o em cima de uns tócos de pau, ficando o homem com a perna em triste estado. Fizémos um curativo ligeiro e embarcámos o dito. Pouco depois escureceu; acendi os faróes e continuámos. Subimos e descemos varios morros de pedra e tinhamos andado uns 15 quilometros quando ouvimos uma gritaria atrás de nós. O motivo era simples: é que tinhamos atravessado uma das ultimas sentinelas avançadas, sem que ninguem nos avisasse. Apaguei imediatamente as luzes e parei o motor. Estava na iminencia de começar o "barulho" e o lugar não permitia fazer manobra. Estavamos procurando uma solução pronta para o caso, quando ouvimos um estouro que parecia vir de longe. Eu perguntei então a um sargento: "Então já temos artilharia aqui neste fim do mundo?"

— Qual artilharia qual nada, rapaz; com 2 meses de barulho ainda não conheces canhão?...

O homenzinho ainda não tinha acabado de falar quando se ouviu um chiado e a "dita" estourou já tinhamos abraçado o solo patrio. Levantei-me, procurei o sargento e não o encontrei!...

Fui obrigado então a largar a ambulancia no lugar em que estava e seguir para o P. C. do major, onde estou agora. A artilharia continua a "cantar" mas fala-se tanto em Armisticio que ainda espero salvar a 33.

L. M.



Croqui dos postos onde os rovers scouts prestaram seus serviços.

## *To our Brother Scouts of all the World*

Having concluded this modest little survey of our scout activities during the revolution of 1932, trying to demonstrate that also in Brazil we do our best to put into practice Lord Baden Powell's ideas, we beg to call your valuable attention to the following facts, which may be of interest to you:

Our scout activities take place amidst the most beautiful scenery you could imagine. Who has not heard of the marvellous city of Rio de Janeiro, famous for its glorious natural beauties and of São Paulo the greatest industrial centre of South America, with its sky scrapers and huge factories? Both are great modern cities with close to two millions of inhabitants, presenting every modern comfort. Bello Horizonte, Porto-Alegre, Recife, Bahia and Curityba some of the capitals of various States which form the Republica dos Estados Unidos do Brazil, are equally highly developed cities, all over 100.000 inhabitants.

And what about the rest of this huge country, 17 times larger than France, with 8.500.000 ks.<sup>2</sup> and 218, whose enormous wealth in minerals, coffee, cotton, cattle etc. surpasses any country in the world? A great net of Railways, highways and navigable rivers facilitates communication up to the most remoted parts of this immense territory.

We would appreciate it, if you, dear brothers, take the trouble of translating this little volume for the use of your brother scouts, for it contains useful and interesting readings for scouts of all nations, offered to them by the Brazilian scouts, who await you with open arms to show you this beautiful land where they are happy to live.

*"Boy Scouts Paulistas"*

## *Aux Frères des autres terres*

En terminant ce travail, nous nous adressons à vous, frères d'autres pays.

Les services que nous avons racontés représentent notre modeste collaboration au patrimoine commun.

Par eux vous verrez aussi qu'au Brésil on cherche à mettre en pratique les enseignements de Baden Powell.

Ce pays, chers frères, est une merveille de beauté naturelle.

Nos cantonnements, nos excursions, nos activités, enfin, se réalisent dans le scénario le plus beau, que vous pouvez imaginer.

La capitale du Brésil (Rio de Janeiro) est une des plus belles villes du monde; sa population en est de 1.900.000 habitants; c'est une grande ville moderne, avec tout le confort, disposant de tous les moyens de locomotion.

São Paulo est une grande métropole industrielle, elle est le plus grand centre industriel de l'Amérique du Sud.

Le panorama de cette ville, dont le centre urbain occupe un grand espace en est tout édifié avec des maisons de dix ou plus de dix étages, il est vraiment superbe.

Sa population en est de 1.500.000 habitants, et l'intérieur de l'Etat est sillonné par d'innombrables chemins de fer et de bonnes routes.

Ouro Preto est la ville artistique du Brésil et de l'Etat de Minas. Le touriste trouve dans ce vaste pays, dont la superficie est supérieure à 2/3 de toute l'Europe, joint à la hospitalité caractéristique des Brésiliens, tout le confort dont il a besoin, soit en transports, rapides et confortables, soit en hotels, luxueusement installés. Un service spécial, fait par des gardes civils, permet aux étrangers de trouver des interprètes pour tous les idiomes, soit dans les Répartitions Publiques, soit dans les promenades. Terminant ces légères notes, nous invitons, nos chers frères à traduire tout le texte de ce petit volume, d'une lecture très utile et intéressante pour les *scouts* de tout le monde, offert par les frères qui vous attendent à bras ouverts, pour vous présenter au grand pays où ils ont le bonheur de vivre.

*"Boy Scouts Paulistas"*



(Tradução)

## *Aos Irmãos que se encontram em outras terras*

Encerrando este trabalho, dirigimo-nos a vós, irmãos de outros paizes.

Os serviços que acabamos de relatar representam a nossa modesta colaboração ao patrimonio comum.

Por eles vereis que tambem no Brasil se procura pôr em pratica os ensinamentos de Baden Powell.

Este paiz, estimados irmãos, é uma maravilha de beleza natural. Nossos acampamentos, nossas excursões, nossas atividades, enfim, se realisam no cenario mais belo que podeis imaginar.

A capital do Brasil (Rio de Janeiro) é uma das mais belas do mundo; sua população é de 1.900.000 habitantes; é uma grande cidade moderna, dotada de todo o conforto, dispondo de todos os meios de locomoção.

S. Paulo é a grande metropole industrial, sendo o maior centro das industrias da America do Sul.

O panorama desta cidade, cujo centro urbano ocupa vasta area toda edificada de predios de dez e mais pavimentos, é soberbo.

Sua população é de 1.500.000 habitantes. O interior do Estado é atravessado por inumeras estradas de ferro e de rodagem.

Ouro Preto é a cidade artistica do Brasil. O turista encontra neste vasto paiz, cuja superficie é superior a 2/3 da de toda a Europa, ao par da hospitalidade carateristica dos brasileiros, todo o conforto de que careçam, quer em transportes, rapidos e confortaveis, como em hotéis, luxuosamente instalados. Um serviço especial feito por guardas civis permite aos estrangeiros encontrarem interpretes para qualquer idioma, nas repartições e logradouros publicos.

Ao encerrarmos estas ligeiras notas, nós vos convidamos, estimados irmãos, á tradução de todo o texto, deste pequeno volume, que contem leitura util e interessante para os scouts de todo o mundo, oferecida pelos irmãos que aqui vos aguardam, de braços abertos, para vos apresentarem o grande paiz onde têm a felicidade de viver.

*Boy Scouts Paulistas*

**"BOY SCOUTS PAULISTAS"**



**Séde Central:**

Rua S. Bento, 14 - 1º andar - São Paulo - Brasil

# CASA DUPRAT

*DUPRAT & FILHOS L.<sup>TDA</sup>*

LOJA E ESCRITORIO

RUA DE SÃO BENTO, 2-B

CAIXA POSTAL, 52

TELEGRAMMAS: "DUPRAT"

TELEPHONE: 2-0078

SÃO PAULO

*OBJECTOS*

*PARA ESCRITORIO*

*PAPELARIA*

*ARTIGOS*

*PARA PRESENTES*

*LIVROS, etc*

IMPRESSÕES - LIVROS EM BRANCO

PAUTAÇÃO - ENCADERNAÇÕES - DOURAÇÃO

TODOS os TRABALHOS CONCERNENTES AO RAMO